

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
SUL-RIO-GRANDENSE
Câmpus Pelotas

GENEALOGIA DE UM CUIDADO AMBIENTAL:

**um convite à experimentação de um
pensamento do cotidiano**

ISABEL RIBEIRO MARQUES

Novembro de 2014

ISABEL RIBEIRO MARQUES

GENEALOGIA DE UM CUIDADO AMBIENTAL:

um convite à experimentação de um pensamento do cotidiano

Dissertação de mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Professor Dr. Róger Albernaz de Araujo

Coorientadora: Professora Dra. Roselaine Machado Albernaz

Linha de Pesquisa:

Políticas e Práticas de Formação

Pelotas, novembro de 2014

Ficha Catalográfica

M357g Marques, Isabel Ribeiro.
Genealogia de um cuidado ambiental : um convite à
experimentação de um pensamento do cotidiano / por Isabel
Ribeiro Marques. – 2015.
102 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e
Tecnologia, Pelotas, 2015.

1. Educação. 2. Ética. 3. Estética do pensamento. 4. Meio
ambiente. 5. Subjetivação. I. Araujo, Róger Albernaz de. II.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-
grandense – IFSul. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

**GENEALOGIA DE UM CUIDADO AMBIENTAL:
um convite à experimentação de um pensamento do cotidiano**

Isabel Ribeiro Marques

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Róger Albernaz de Araujo

Orientador

Professora Dr^a Roselaine Machado Albernaz

Coorientadora

Professora Dr^a. Paula Correa Henning

Professora. Dr^a. Patrícia Calixto

Pelotas, novembro de 2014

RESUMO

Marques, Isabel Ribeiro. **GENEALOGIA DE UM CUIDADO AMBIENTAL: um convite à experimentação de um pensamento do cotidiano**. 2014. 101 f. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, Pelotas/ RS.

A presente dissertação investe no território da prática docente de um professor universitário da área ambiental e adentra o território dos processos de subjetivação e de expressão, que desenham este contexto na contemporaneidade. Por sucessivas e recorrentes conversações com Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, e também pela ressonância com outras vozes, têm-se a composição de um modo de escrita. Criação de uma pesquisa que se entrelaça com uma necessidade de se dividir anseios e desassossegos que, de algum modo fazem emergir uma problemática que contribui com a possibilidade da produção de uma outra estética do cuidado ambiental. Com toques sutis, por entre amarras que prendem e soltam, precipitaram-se afectos, perceptos e conceitos; acontecem processos de subjetivação e de expressão; atravessam e extravasam palavras e coisas, em um movimento que abraça a possibilidade de retornar sobre e pensar com; um jogo genealógico com os modos de subjetivação e de expressão, que fornecem pistas para a diferenciação de uma imagem de pensamento estabelecida. Possibilidades de criação de linhas de fuga em agenciamentos, que produzem a estética de uma vida pessoal; entrelaçamentos de uma trajetória profissional; e, então, compõem-se em um percurso e em uma problemática: como e por que nos tornamos o que somos? Como o cuidado ambiental tornou-se o que é? Como e por que se produz a expressão das verdades ambientais que se produz? Uma posição que transcende um pensamento humanístico e investe no cuidado de si, enquanto ética de uma existência. Que cuidado poder-se-ia ter com aquilo que produz e que expressa este entorno, que cada um, de algum modo, compartilha para si e com os outros? Tensionam-se subjetivações e expressões, pelo desejo do encontro com um cuidado ético de si e do ambiente; potencializa-se um ato ético de criação de si e de um cuidado ambiental.

Palavras-chave: ética, cuidado de si, cuidado ambiental, estética do pensamento, subjetivação.

ABSTRACT

Marques, Isabel Ribeiro. **GENEALOGY OF AN ENVIRONMENTAL CARE: a call for experimentation of a daily thought.** 2014. 101 f. Professional Dissertation in Education and Technology, Federal Institute of Rio Grande do Sul, Campus Pelotas, Pelotas / RS.

This dissertation invests in the territory of teaching practice of an university professor in the environmental area and enters the field of the subjectivation and expression processes, which sets this contemporaneity context. By successive and repeated conversations with Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Foucault, and, also, by the resonance with other voices, there is the composition of a writing mode. Creation of a research that is intertwined with a need of dividing longings and restlessness that, somehow bring out a problem that contributes to the possibility of production of another aesthetic of environmental care. With subtle touches, through ties that bind and loose, precipitating affects, percepts and concepts; processes of subjectivity and expression start; crossing and extending beyond words and things, in a move that embraces the possibility of returning about and thinking with; a genealogical game with subjectivity and expression modes, providing clues for the differentiation of an established thinking image. Possibilities for escape lines in, which produce the aesthetics of a personal life; interweaving of a professional trajectory; and, then, are composed a route and a problematic: how and why we become what we are? How the environmental care became what it is? How and why the expression environmental truths that are produced are produced? A position that transcends humanistic thought and invests in self-care as an ethic of existence. What care could be had with what produces and expresses this environment, which each one, somehow, shares with himself and with others? Subjectivities and expressions are tensioned, by the desire to encounter an ethical care of themselves and the environment; an ethical act of self-creation and environmental care is enhanced.

Key-words: ethics, self-care, environmental care, thought aesthetics, subjectivity.

AGRADECIMENTOS

Agradecer nesse momento é algo muito gratificante, pois é um momento que se finda mais uma etapa acadêmica, porém, não o enxergo como um fim, e sim como uma pausa, uma vírgula nessa caminhada que espero que ainda tenha muito a trilhar.

Foi um percurso marcado por inúmeros encontros; as marcas ficam e ao lançar o olhar para trás, percebo que realmente não foi um caminho, foi um percurso sendo feito à cada passo. Dois anos muito edificantes!

Em primeiro lugar sou grata à vida, e a essas forças que iluminam e motivam a seguir buscando algo a mais, forças que alguns podem chamar de “N” nomes, Deus, santo, guia, protetor, prefiro falar em vida para contemplar toda e qualquer energia que motive um ir.

Falando em vida... Agradecimento à minha amada família pela paciência e compreensão nos momentos necessários de dar a atenção que o curso exigia, principalmente ao meu companheiro de todas as horas, Michel e minhas duas estrelinhas, Bento com seus 2 anos de vida, mas que nos ensina muito a cada dia e o pequeno Joaquim que apesar de ser um pequeno ser de 600 g, está chegando para agraciar e iluminar ainda mais nossos dias.

À Instituição por ter proporcionado com que o curso fosse cursado e com isso possibilitou tantos encontros.

Ao meu orientador, Róger, um agradecimento de dedicação e de confiança, aceitando mais uma orientanda quase no meio do curso e, fazendo com que eu tivesse me encontrado no texto e, com minha escrita, até então acanhada em poucos rabiscos. E, mais do que isso, hoje posso dizer que estou muito contente e satisfeita com o trabalho. Aguardando as sugestões, as críticas e os comentários, mas sentindo que o possível foi feito, e que esse apanhado de folhas que poderá

estar nas mãos de alguém nesse momento, está impregnado de marcas, de processos de subjetivação, de pesquisador-pesquisa e de muita dedicação e leitura.

O curso ainda me trouxe dois presentes em forma de colegas: Deise Cristiane de Luca e Viviane Rodrigues sempre ali, auxiliando, revigorando e formando um apoio fundamental naqueles momentos conturbados, onde sempre encontrava auxílio, atenção e duas mãos estendidas. Nesse momento que cada uma segue sua vida, gostaria de deixar registrado minha homenagem de carinho e amizade.

Destaco duas, mas permanece um sentimento de carinho e admiração por vários colegas que compartilharam esses dois anos de estudos.

Agradeço as professoras Paula e Patrícia pela disponibilidade, interesse e atenção com esse momento, e também pelas relevantes considerações no momento da qualificação, que possibilitaram com que o trabalho retornasse sobre si, e com isso, hoje seja possível que daquelas poucas páginas, hoje se tenha uma dissertação para apreciação.

À querida Rose (Roselaine Machado Albernaz), que apesar do pouco tempo de convivência no curso, encantou e cativou muito carinho e admiração, e além disso, acreditou em mim ao querer cursar e me dedicar ao mestrado.

Muitas pessoas foram importantes nessa caminhada, poderia seguir agradecendo a mãe, pai, sogra, inúmeros amigos, que deram muito suporte, mas para ir ao que interessa, fica um sincero agradecimento à todos aqueles que proporcionaram a ida às aulas, aos momentos de estudo e às ausências. Agradeço por terem dedicado um tempinho e facilitado um andamento de curso satisfatório.

SUMÁRIO

RESUMO	2
ABSTRACT	3
AGRADECIMENTOS	4
LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE IMAGEM.....	8
1. NOTAS SOBRE UM PERCURSO DE PESQUISA.....	10
2. SOBRE A METODOLOGIA DE PESQUISA.....	14
3. TESSITURAS	22
3.1 AS MARCAS DO PERCURSO	23
4. SOBRE A PRESENTE ESCRITA	286
5. ATUAÇÃO HUMANA E O PLANETA	31
6. O AMBIENTE E A REPRESENTAÇÃO: analogias e juízos	356
7. EXPRESSÃO DA VERDADE AMBIENTAL NA CONTEMPORANEIDADE: A BOA OU A MÁ PARRESIA	434
8. A POSSIBILIDADE DE UM CUIDADO AMBIENTAL POR ENTRE UM COTIDIANO ANTROPOCÊNTRICO	63
9. O CUIDADO AMBIENTAL E A ATUAÇÃO DOCENTE.....	657
10. LEITURAS E A POSSIBILIDADE DE PENSAR COM UMA ESCRITA.....	71
11. ÚLTIMO ATO...DEVIR E PENSAMENTO	84
12. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	90
13. REFERÊNCIAS	91

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fragmentos de algumas imagens da Revista Arquitetura e Construção, Editora Abril, Edição de Abril de 2008.....	50
Figura 2: Revista Caras edição 1083 de agosto de 2014 e AG Revista do criador nº 181, Editora Centauros, Edição de outubro de 2014	51
Figura 3– Imagem da palavra ambiente pesquisada no google	57
Figura 4: Imagem de 03 elementos vivos encontrados na natureza.	60
Figura 5: Selo de produto orgânico	66
Figura 6: Selo de produtos transgênicos.....	66

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1: Elefante no zoológico de Buenos Aires, Argentina. 56

As águas de um rio vão abrindo o seu trajeto por entre os acidentes e as irregularidades do terreno. Mas estes também ajudam a moldar o itinerário, pois nem a correnteza nem a geografia das margens determinam isoladamente o curso fluvial: ele se estrutura de um modo interativo, o que nos revela como as coisas se determinam e se constroem umas às outras. Por serem assim, a cada momento elas nos surpreendem revelando-nos que aquilo que pensávamos ser repetição sempre foi diferença, e o que julgávamos ser monotonia nunca deixou de ser criatividade.

(MATURANA E VARELA, 2011, p. 10. Grifo nosso)

1. NOTAS SOBRE UM PERCURSO DE PESQUISA

Ao iniciar a escrita de uma dissertação de mestrado, crê-se conveniente chamar quem a lê nesse momento, sobre a caminhada até esse primeiro parágrafo da introdução. O presente estudo se origina da prática de quem, aqui, escreve como professora da área do Direito Ambiental no Ensino Superior. Aliás, uma trajetória acadêmica, desenvolvida nos moldes tradicionais, o que, de certo modo, ainda ecoa e vaga por entre as linhas e as letras que desejam uma escrita. Presente, talvez!

Desde o período da graduação, o interesse pelos temas relacionados com a problemática ambiental, valoração intrínseca dos recursos e a relação do homem com o meio ambiente, despertaram-me sempre muita curiosidade. Embora, inicialmente essas leituras tenham sido provocadas apenas por interesse pessoal, passou a se tornar possível a percepção, de que na ação docente profissional, pode ser permitido buscar a si mesmo; buscar um modo de existir, de pensar, de ser sensível e se situar no mundo. Ainda bem!

Recapitulando a caminhada, os interesses com as questões ambientais começaram a se tornar perceptíveis, como potência de pesquisa, enquanto acontecia o primeiro semestre do curso de Direito em meados de 2001, e a lembrança é de uma insatisfação que acompanhava, como se faltasse alguma coisa. Então, acontece a insurgência de uma vontade de saber um pouco mais das questões ambientais e, quem sabe dali, desses desejos de conhecimento, pudessem nascer algumas possibilidades de entrelaçar um curso em andamento com uma pesquisa, o que me agradaria tanto profissional quanto pessoalmente. Foi quando no semestre seguinte ingressei no curso de Bacharelado em Ecologia, passando a cursá-lo, simultaneamente ao de Direito.

Durante os anos em que cursei ambos os cursos de graduação, produzi em vários momentos alguma perplexidade, o que tornava-se claro, quando ao ser interpelada sobre os cursos escolhidos para estudar, o efeito era de muita surpresa pela escolha do direito e da ecologia. ‘Mas por que? *Dois cursos que não tem nada a ver*. Inicialmente não era levado tão a sério esse comentário, mas com o passar dos anos ele não cessou, e isso começou a causar um enorme incômodo, pois até então era tão claro que eles tinham sim tudo a ver, muito a ver! Não se conseguia vislumbrar algo que não tivesse conexão com o ambiente.

Após o período acadêmico com o desenvolvimento da trajetória profissional em andamento, essa impressão superficial da maneira de vislumbrar o ambiente seguiu causando desassossego. E, após 14 anos respirando esses ares acadêmicos, com um sabor de tamanho engessamento e rigidez, percebi que as marcas dessa experiência profissional encaminharam a principiar uma inquietude, uma *inquieta ação*, e revendo esse percurso, que traz até esse momento importante, de estar ‘dissertando’ para conclusão de um curso de mestrado profissional, acredita-se que as linhas que atravessaram a caminhada, as linhas de fuga, os agenciamentos¹ que tecem as amarras desse rizoma,² servem como formação de um desejo real de pesquisa sobre a ideia de cuidado ambiental difundida de maneira tão simplista e desconectada dos processos de

¹ “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentar idade, estratos, territorialidades, mas também **linhas de fuga**, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um **agenciamento**.” (Grifo nosso) (DELEUZE, G., GUATTARI F. 2007, p. 10)

² “Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria (n+1). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda.” (ibidem, p. 31)

subjetivação³ que acontecem. Uma pesquisa viva, presente e que sustenta cada letra, cada palavra, cada ponto, vírgula que preenchem esta página que até pouco tempo estava em branco.

O trabalho motivou um ir, para aonde não se sabia e, ainda não sei bem ao certo, mas por pequenos ensaios, eu e a pesquisa podemos respirar. Compartilhamos, o texto e inevitavelmente quem o escreve!

Como assim? Compartilhável? Prática pessoal?

Para que esse entrelaçamento pudesse ser possível buscou-se um agenciamento com outros campos e com outros saberes e, com Deleuze (2010 p. 113) desejou-se encontrar focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, alguns relativos, passíveis de ser desfeitos, para seguir ainda mais longe em uma linha agitada. Encontrar e então desencontrar. Ir além. O movimento se produz, para além de inevitável, desejável.

E, pela gama de conhecimentos, que alguns autores da denominada filosofia da diferença⁴ podem proporcionar, ou provocar, foi que passei a ter coragem para burilar essas inquietações. Saliento que não se trata de uma fuga do presente acadêmico ou da pesquisa, pelo menos em nível do que uma dissertação de mestrado, normalmente exige. Busca-se sim, constituir outra ordem de experiência, como Veiga-Neto (2011, p. 11) elucida: trata-se de colocar em movimento uma vontade de saber. Vontade de tentar situar essa inquietação na

³ “Processos de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na sequência eles engendram novos poderes ou tornam a entregar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde.” (DELEUZE, 2010, p. 221)

⁴ Nesse caso nomeia-se como Filosofia da diferença o corpo de pensamento que a partir movimento de maio de 1968 propõe uma nova abordagem para a filosofia, em uma situação de rompimento com a metafísica e um investimento nos processos de diferenciação, principalmente nas questões que tangem ao pensamento. Entre outros autores que preenchem este espaço do pensamento filosófico da diferença, mesmo que possam não citar diretamente esta expressão, pode-se destacar Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida, Maurice Blanchot, Jean François Lyotard e Friedrich Nietzsche.

pesquisa, e por efeito, transpor essa potência de inquietude para a prática docente, para a atuação profissional e para a vida pessoal; uma inquietude que induz atos afirmativos.

Como fundamentação teórica, buscou-se apoio, principalmente, em obras de alguns autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, dentre outros referenciais pertinentes ao tema, que puderam amarrar as linhas que prendem e soltam esses agenciamentos e algumas linhas de fuga pinçadas até o momento que cruzam este percurso.

2. SOBRE A METODOLOGIA DE PESQUISA

Ao iniciar um trabalho de cunho acadêmico ou técnico, pode-se questionar sobre qual metodologia utilizar. Nesse sentido, tomando-se como pressuposto uma trajetória acadêmica e profissional que acompanha aquele que pesquisa, considera-se necessário encaminhar um modo de como se deseja proceder os movimentos de pesquisa, em consonância com os movimentos do pesquisador.

Em decorrência da trajetória acadêmica e profissional nos moldes, naquilo que se pode nomear como uma abordagem tradicional da academia, sobravam não muitas opções. Ao iniciar os seminários do mestrado aos poucos foram sendo apresentadas novas metodologias de pesquisa, até então desconhecidas. Na medida em que se adentravam as leituras, e timidamente começava-se a entender o que os autores estavam querendo dizer⁵, juntamente com a maneira que o texto vinha sendo criado, numa escrita mais coloquial, mais solta, mais aberta de escrever, buscava-se encontrar uma maneira de apresentar o trabalho. Uma maneira de se poder dizer.⁶

Nesse caso, em particular, percebe-se o desejo de articular um modo e não o método; desejo explícito da criação de um percurso de pesquisa, que possa

⁵ Aqui, busca-se inspiração em Deleuze quando diz que falar em seu próprio nome não se trata de ter sua hora da verdade, tampouco escrever memórias, é nomear as potências impessoais que combatemos enquanto buscamos algum objetivo. (DELEUZE, G. 2010. p. 115)

⁶ " A assinatura não é a indicação de uma pessoa, é a formação aleatória de um domínio. As moradas têm nomes próprios e são inspiradas. "Os inspirados e sua morada...", mas é com a morada que surge a inspiração. É ao mesmo tempo que gosto de uma cor, e que faço dela meu estandarte ou minha placa. Colocamos nossa assinatura num objeto como fincamos nossa bandeira na terra. Um bedel de escola carimbava todas as folhas que cobriam o chão do pátio, e as recolocava no lugar. Ele tinha assinado. As marcas territoriais são ready-made. Também aquilo que chamamos de art brut não tem nada de patológico ou de primitivo; é somente essa constituição, essa liberação de matérias de expressão, no movimento da territorialidade: a base ou o solo da arte." (DELEUZE, G; GUATTARI, F. 1997a)

descobrir seu caminho pela caminhada, diluindo a necessidade de ter que chegar a um fim determinado a partir de um início previamente traçado.

Talvez ao invés do método possa-se investir em um conjunto de procedimentos; quem sabe, apostar em uma composição de planos, que funcionam pelo agenciamento de procedimentos que possam articular o território que é, ou seja, agenciar procedimentos que possam trazer à superfície a estética do que acontece em termos de atualidade na área de pesquisa que se deseja abarcar. Isso, abre a possibilidade também para a criação de procedimentos que possam investir no desejo de transformação daquilo que é e na possibilidade de um vir a ser. Isso ainda em um processo de recursividade contínua. Ou seja, um processo que retorna sobre si em um movimento de dobradura do tempo e do espaço, o que acontece produz um corte, uma marca, uma estética, mas, simultaneamente a isto, um fluxo se produz como possibilidade de retorno; um novo lance de dados⁷. Encontra-se então um programa de procedimentos, um modo de pesquisa que funciona na conexão entre três planos: um Plano de Referência, a partir do conceito dos modos de subjetivação, de Michael Foucault; um Plano de Criação, a partir de uma costura dos conceitos de Plano de Imanência e de Plano de Composição, de Deleuze e Guattari; e o Plano de Recursividade, a partir do conceito de Eterno Retorno, de Nietzsche.

Processo da tentativa de composição de um percurso metodológico, que de algum modo, potencializa o trabalho a pensar e a perceber um movimento de produção que se produz inerente a necessidade de criação. Um modo de tentar inferir com a pesquisa e com seu entorno, no/pelo movimento de pesquisar. Não uma metodologia, mas um modo que possa funcionar a cada vez, com a possibilidade

⁷ Quando os dados lançados afirmam uma vez o acaso, os dados que caem afirmam necessariamente o número ou o destino que traz de volta o lance de dados. É nesse sentido que o segundo tempo do jogo é também o conjunto dos dois tempos ou o jogador que vale para o conjunto. O eterno retorno é o segundo tempo, o resultado de lance de dados, a afirmação da necessidade, o número que reúne todos os membros do acaso, mas também o retorno do primeiro tempo, a repetição do lance de dados, a reprodução e a re-afirmação do próprio acaso. O destino no eterno retorno é também a "boa-vinda" do acaso: "Faço ferver em minha marmitta tudo o que é acaso. E somente quando o acaso está no ponto, eu lhe desejo boas-vindas para com ele fazer minha alimentação. (DELEUZE, 1976. p. 23)

de funcionar diferente em uma outra vez. Talvez, pelo desejo de se poder experimentar uma pesquisa pelo percurso dessa pesquisa, em detrimento de um modelo que indica a priori o caminho a ser percorrido. Não um jogo de dados marcados daqueles do tipo jogo de estado, e sim a afirmação do número dado pela inevitabilidade do encontro.

Um Plano de Referência, em consonância com o pensamento de Foucault, busca pinçar os processos vivenciados, processos de subjetivação que produzem as maneiras de ser, de pensar e de agir, ou seja, por efeito produz o que se é. Para tanto, em um traçado genealógico de análise, deseja-se costurar um plano de referências que emerja um processo ético de como e por que cada um se torna o que é. Inferir sobre o que se sabe e o que se nomeia que se sabe, e assim, aproximar-se dos saberes que balizam o olhar que se produz. Tensionar o modo como se estabelecem as relações individuais e coletivas a partir do que se sabe e do que se nomeia que se sabe. Um plano que produz uma estética de uma determinada área a partir das relações de saber, de poder e das relações éticas envolvidas na própria produção desse plano. Esses processos de subjetivação conjuram, para além de pensar, uma complexidade em si, que opera e articula a profissão, a vida e todos os processos de subjetivação que tomam a superfície destas relações.

Ao questionar o como e o porquê das coisas, como estas coisas se tornam o que são, procede-se um caminho genealógico, que declina da necessidade de saber o que é, para tentar entender como isso que é se tornou o que é. Um foco no processo de produção das coisas e não nas coisas em si, como forma de tentar fugir da representação que o verbo ser cria. Uma questão que remete para além de um pensamento humanístico: que cuidado eu tenho, que cuidado se tem, ou poder-se-ia ter com o ambiente, com aquilo que produz este entorno, que cada um compartilha para si e para os outros? Talvez, este movimento de pensar com

cuidado de si e do entorno, possa proporcionar um pensamento sobre cuidado ambiental. E, para além, talvez um outro conceito⁸ de cuidado ambiental!

Neste caso, deseja-se o encontro com a possibilidade da produção da estética de um conceito de cuidado ambiental, ou seja, através da trajetória tecida pelos processos de subjetivação, busca-se uma aproximação das linhas de fuga e dos agenciamentos que produzem a questão sobre: como e por que o Cuidado Ambiental tornou-se o que é? E, com isso, encaminhar a busca da criação de um conceito de cuidado ambiental, que aposte no processo de produção das coisas e não nas coisas em si, e que por efeito possa tentar fugir à representação⁹. No lance dos dados, afirmar o número dado e não jogar até alcançar o número idealizado.

Assim, talvez, possa-se saber mais de si e, assim, talvez se possa mais bem cuidar deste si. De algum modo, o cuidado de si envolve e implica um movimento de formação, de criação de um plano de cuidado.

Formar-se, autoformar-se gente, humano, ser, que percebe a possibilidade de se perceber diferente, de se olhar diferente e de se sentir diferente em relação ao mundo e a si. Percepção de um modo de ser e estar que se coloca em aberto às escolhas e aos encontros. Alguns instantes entre tantos outros de si e do mundo. Todavia, este está ali, no instante que se cria, em uma dimensão que pode transformar a composição de uma vida, não em outro lugar que não seja a contemporaneidade desta existência, palpável, localizável e, ainda assim, incontroladamente inimaginável. (DE ARAUJO; BARREIRO, 2011, p. 347)

⁸ Quando cita-se conceito, não se refere à algo estanque, pronto e acabado. Busca-se uma aproximação da definição de conceito deleuzo-guattariana, que é mais ou menos próxima do que se está acostumado a lidar, mas não se trata de um operador lógico; é mais que isso; é menos que isso; não é universal, é um dispositivo, trata de acontecimentos e os acontecimentos são dotados de todos afectos e perceptos que lhe são próprios, individuais e transitórios (GALLO, 2008 p. 38).

⁹ Representação no sentido de reproduzir sem questionar, muito se buscou inspiração em o Platão e o Simulacro, “o platonismo funda assim todo domínio que a filosofia reconhecerá como seu: o domínio da representação preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação extrínseca a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento.” (DELEUZE, G. 2007, p. 264)

Sopeña (2013, p. 61)¹⁰ encaminha a criação de possibilidades de saber de si e com isso mais bem poder cuidar de si, através de composições genealógicas dos processos de subjetivação, seus entrelaçamentos, tramas, linhas, e através desses processos que compõe um continuum de acontecimentos. E pelo funcionamento desses processos a pesquisa torna-se o que é; algo em movimento, em deslocamento, sujeita às marcas e aos efeitos de um percurso. O cuidado ambiental afirmado ao sabor de um cuidado de si, torna-se proveniente dos processos de subjetivação e dos entrelaçamentos feitos ao longo da caminhada.

Destarte, um Plano de Criação, funciona como elemento constitutivo de uma formação. Neste trabalho, um Plano de Criação, acontece pelo agenciamento de dois conceitos de Deleuze e de Guattari: Plano de Imanência¹¹ e Plano de Composição¹². Aonde, o Plano de Imanência não é o caminho, e sim um percurso, um conjunto de coordenadas por onde os conceitos passam, na composição de um desejo de pesquisa que compõe o próprio o percurso com os rastros por onde os conceitos escorrem, escorregam e compõem a imagem do pensamento de um Cuidado Ambiental.

¹⁰ SOPEÑA, Marla. Transversalidades e diferenciações nos fóruns de discussão em EAD: Sensações coloríficas de um coletivo de enunciação. Dissertação de Mestrado, IFSul, Pelotas, 2013, p. 61.

¹¹ “O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá no que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... Não é um método, pois todo método concerne eventualmente aos conceitos e supõe uma tal imagem.” (DELEUZE, G., GUATTARI, F, 2007 p. 53)

¹² “e um plano de composição, em que a sensação se forma contraindo o que a compõe, e compondo-se com outras sensações que ela contrai por sua vez. A sensação e contemplação pura, pois e pela contemplação que se contrai, contemplando-se a si mesma a medida que se contempla os elementos de que se procede. Contemplar e criar, mistério da criação passiva, sensação. A sensação preenche o plano de composição, e preenche a si mesma preenchendo-se com aquilo que ela contempla” (ibidem. p. 272)

Por sua vez, o Plano de Composição revolve potências, intensidades sensíveis, afectos e perceptos¹³, que transbordam em afecções e percepções ordinárias. O Plano de Composição é o plano da arte. Potências de afectos e de perceptos, que produzem-se pelo transbordamento de afecções e percepções ordinárias, assim como os conceitos transbordam as opiniões correntes (DELEUZE E GUATTARI, 2007, p. 213). Cada um sente, ou então, tem-se afetado de diferente maneira, e nada mais ilustrativo que a arte para exprimir essas potências.

Assim, o Plano de Composição da arte e o Plano de Imanência da filosofia podem deslizar um no outro, possibilitando que algumas extensões sejam ocupadas por intensidades; possibilitando que um pensador, que um pesquisador possa modificar o que pensa, instaurando um novo plano de imanência. Isso pode não significar que se esteja criando novos conceitos, mas pode possibilitar que se povoe um espaço-tempo com outras instâncias. (DELEUZE; GUATTARI, p. 87). Assim, por estes entrelaçamentos entre intensidades sensíveis e pensáveis, entre um plano de composição e um plano de imanência, pode-se traçar um Plano de Criação, que aconteça no/pelo percurso trilhado, em uma costura de afectos e de perceptos e de conceptos que se agenciam na possibilidade de diferenciar o que se sabe sobre cuidado ambiental e o que se nomeia que se acredita saber.

Em um terceiro movimento, utiliza-se o conceito de "eterno retorno"¹⁴, de Nietzsche, que possibilita o regresso do olhar sobre o que há, sobre o plano de organização, que produz a significação do que se tem como existente. Com a

¹³ Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele e fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, e ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte e um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE, G., GUATTARI, F, 2007, p. 213

¹⁴ "O eterno retorno não tem outro sentido além deste: a ausência de origem assinalável, isto é, o assinalamento da origem como sendo a diferença, que relaciona o diferente com o diferente para fazê-los retomar enquanto tais. Neste sentido, o eterno retorno é bem a consequência de uma diferença originária, pura, sintética, em si (o que Nietzsche chamava de vontade de potência)." (DELEUZE, 2006, p. 125)

possibilidade de múltiplos olhares busca-se a diferença, nas maneiras de pensar sobre as percepções que tomam a superfície, proporcionando a tentativa de fuga da representação¹⁵ do que é, do contexto pronto, dado e acabado. Assim, deseja-se o funcionamento dessa máquina articulada com três potentes conceitos para pensar e para sentir um Cuidado Ambiental. Um procedimento de pesquisa vivo, que deseja possibilitar um olhar a cada retorno, que deseja desdenhar do caminho bem definido que explica e indica todo um trajeto a ser percorrido. Procedimento que deseja poder experimentar preencher um percurso no sentido de poder produzir encontros, mesmo que não se saiba por onde se vai, mesmo que não se sabe onde se vai chegar e mesmo, se vai chegar.

E, com essas potências, conceitos articulados em planos que se podem articular, entrecruzar, enredar que a tessitura do trabalho foi sendo proporcionada. Pelas vozes do referencial teórico implicado, e pelo movimento dos planos criados, deseja-se produzir assim, um rabisco do conceito de cuidado ambiental. Um desejo artesão, que possa se valer de toques sutis, de um roer tímido e suave e, de algum modo desfilar as amarras que prendem as subjetividades em meio aos processos de subjetivação hegemônicos e repetitivos. Liberando conceitos, afectos e perceptos, que preencham os planos e se possam efetivar em conceitos, em afecções e em percepções, que retornarão ao enredamento da tessitura para mais um lance, para mais um retorno na busca a diferença. Assim, o trabalho acontece, nas possibilidades de se poder retornar sobre si e de pensar novamente, de sentir novamente, não como forma de atualizar uma forma; mas como um modo de modificar um modo, um vir a ser sempre possível, a cada momento, variáveis em uma variação contínua, uma alternância de estados a cada rabisco que a diferença puder traçar.

¹⁵ Representação no sentido de reproduzir sem questionar, muito se buscou inspiração em o Platão e o Simulacro, “o platonismo funda assim todo domínio que a filosofia reconhecerá como seu: o domínio da representação preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação extrínseca a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento.” (DELEUZE, G. 2007. p. 264)

Proporcionando esse olhar sobre si, sobre o que se está se tornando, algo em constante movimento, onde a cada olhar a paisagem muda, como quando se olha para o céu e tem-se a ideia do céu, mas, ele nunca é a representação exata do que ali estava, ele é afetado pelos ventos, pelas estações do ano, pelo horário, e nesse entrelaçamento de forças ele pode tornar-se claro, escuro, nublado, com nuvens. Então, o céu é o céu de cada um, e cada um pode ter vários céus, depende de onde se lança o olhar, depende do olhar que põe.

3. TESSITURAS

“Momentos que beiram o não sentido, mas que, nem por isso, carecem dele. Figura de difícil apreensão e por isso mesmo potente ferramenta capaz de mobilizar o pensamento”

(SANT'ANNA *in* JUNIOR, D; VEIGA-NETO, A. FILHO, A. 2011, p. 91)

Após meses pensando, escrevendo, foram sendo feitas pequenas notas sobre determinados pontos que se acreditava serem pertinentes ao estudo. Após algumas escritas dessas notas, passou-se a ter dificuldade em traze-las à uma dissertação de mestrado, obedecendo a determinados moldes¹⁶. Porém, depois de começar a entender as possibilidades que estavam sendo apresentadas, passou-se a perceber que esse já era o trabalho em construção. Um trabalho que se passou a perceber vivo e com desejo de se produzir distante das representações. Talvez, algo que possa vir a conquistar uma escrita tensionada por pensamentos de uma mistura de forças que se escreve em potência. E, as notas brotaram, retornaram deste continuum e desejo criativo. Pequenas escritas, ensaios, borrões de pensamento. Um trabalho em constante movimento de escrita e de leitura, e reescrita, e releitura, e, e, e...

¹⁶ Moldes até então pré-concebidos como modelos adequados para a apresentação formal até então entendidas como as adequadas.

3.1 AS MARCAS DO PERCURSO

“Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (...) se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime.”

(DELEUZE, 1976 p. 3)

Muitas dessas notas, brotaram das marcas proporcionadas pelo percurso. Quando referencia-se marca, não se está falando na terminologia do dicionário Aurélio¹⁷: “Sinal que serve para que se reconheça uma coisa, para distingui-la de outra, para identificar uma função”, e sim, a marca como um corte, uma ruptura, nos espaços-tempo que são múltiplos, que atravessam-se e produzem alguma coisa; algo que possa se chamar de território até então estabelecido e através da sucessão de fluxos e de cortes, que estão constantemente acontecendo, que as referências venham a se desfazer. As marcas cortam os fluxos, e formam a estética de uma relação ético-política.

Poder-se-ia ter utilizado alguma outra denominação para a pesquisa, mas não se percebe outra palavra para se tentar rabiscar os estados provocados no invisível ao longo da vida, e que carregaram para esse instante o estudo que se apresenta no visível. Como a estética de alguma coisa e a subida a superfície de um processo que aconteceu e anuncia a morte do que incidiu. É um corte. A marca não é processo, a marca é corte. Corte do processo! Mata o processo para que possa haver outro processo. Morte como um ritmo da vida, não como interrupção da vida.¹⁸

¹⁷ <http://www.dicionariodoaurelio.com/Marca.html>. Acessado em outubro de 2013.

¹⁸ Parágrafo inspirado em notas oriundas do grupo de pesquisa GEiSSo: Grupo de Estudos de Estudos e Interlocuções com o Pensamento: diferença, subjetivação e processos articulados com educação e tecnologia - Diretório CNPQ: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9404922681958041> de 14 de abril de 2014.

Parte da relação estabelecida reside no desejo da autora em implicar a relação dessas marcas com o pensamento, o que produz uma perspectiva de um pensamento que não é “fruto da vontade de um sujeito já dado, que quer *conhecer* um objeto já dado, *descobrir* sua verdade, ou adquirir o *saber* onde jaz esta verdade” (ROLNICK, 1993, p. 5) e, sim, torna-se fruto de uma diferença posta em circuito. E, através dessa diferença, torna-se possível tentar criar.

As marcas produzem a alternância dos estados e, esses estados, provocados pelas marcas que acontecem ao se escrever o texto, não são uma relação direta com pensamentos mais convenientes à pesquisa. As marcas que alimentaram e foram alimentadas pelos processos de subjetivação, através de estados inéditos que rompem com o equilíbrio da atual figura, que tremem seus contornos, desestabilizam e colocam a exigência de criar-se um novo corpo no modo de sentir, pensar, de agir, que produzem potências e assim tornam alguns estados invisíveis em estados compartilháveis (ROLNICK, 1993, p. 4).

No percurso do trabalho, pode-se dizer que muitas destas marcas estavam adormecidas e se tornaram mais perceptíveis quando a pesquisa começou a ganhar forma. Em vários momentos, o movimento mais difícil foi conseguir enxergar o fora. Romper com a inércia. Enxergar para além do plano de referência (afinal, ele está enraizado, incorporado nos modos de ser). Assim, muitos retornos são necessários para produzir maneiras de olhar; maneiras de pensar; maneiras de sentir os afectos e perceptos provenientes das marcas. Quando as inquietações provenientes destas, foram instigadas a fazer parte de um projeto de pesquisa que antecedeu a dissertação, assim, tornaram-se a potência para este estudo, para o trabalho e conseqüentemente para se pensar a trajetória profissional.

Através da pesquisa, começou-se a sentir, também, que para as marcas aparecerem seria preciso que se permitisse que elas encontrassem brechas, ou mesmo que fosse possível cavar estas brechas. Com isso, talvez, tornar-se-ia possível que se pudessem surgir. Todavia, em alguns momentos isso produziu

uma experiência dolorosa. Dolorosa no sentido de, muitas vezes, não se achar palavras e maneiras de escrever, de implicar e de envolver os estados inéditos provocados pelas leituras. Pelas leituras e pelo começo efetivo da pesquisa produziram-se diferenças. Um plano de subjetivação foi percebido, manuseado em suas marcas e em seus estados. De algum modo se criou um entendimento do que estava acontecendo e, continuava a acontecer. Encontrou-se um plano de criação, revoltado em imanência e composição, continuamente retornando sobre si e escavando possíveis subjetividades. Processos de subjetivação se passando, acontecendo no corpo de quem pensa e difere; e desenha em palavras os atravessamentos da estética de uma existência.

A pesquisa pode ser criada e recriada a cada dia, podendo retornar, a cada momento de uma maneira diferente e, vive-se o percurso. Não é um caminho pré-traçado. Cada um pode movimentar da maneira que melhor convir. Assim, pode-se ir mapeando e analisando os rastros através das marcas do percurso, para quem sabe poder mapear como e por que as coisas se tornam o que são.

4. SOBRE A PRESENTE ESCRITA

*“Escrever nada tem a ver com significar, mas com
agrimensar, cartografar, mesmo que
sejam regiões ainda por vir.”*

(DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 11)

E após essa introdução, indaga-se, qual a justificativa dessa pesquisa para um mestrado profissional? Se após uma década atuando diante de regras tão formais, nos moldes pré-estabelecidos da academia, qual justificativa teria um trabalho sobre o cuidado ambiental e a prática docente?

Quando o trabalho provoca em relação a genealogia de um cuidado ambiental, quer dizer ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores, se opondo ao caráter absoluto dos valores, significando o elemento diferencial dos valores, ou seja, a Genealogia como origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem (DELEUZE, 1976. p. 2). Ainda em Deleuze (idem) a Genealogia busca nas crenças, em sentimentos e pensamentos em relação das maneiras de ser ou de estilos de vida que atribuem sentidos, e valores, provenientes de avaliações, de pontos de vista de apreciação que acabam por derivar signos, e assim talvez consiga-se trazer à apreciação “a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime” Assim, a escrita busca elencar e divagar com imagens e máscaras que foram sendo criadas e disseminadas sobre cuidado ambiental, acreditando-se, que esses tímidos exercícios, ou então a arte de interpretação de pensamentos possam auxiliar a romper as máscaras, verificar como se mascaram e assim encontrar arestas para pensar o cuidado ambiental.

No ensino contemporâneo, há uma excessiva compartimentalização do saber. Uma realidade que muitas vezes perturba aparece na própria organização curricular das disciplinas¹⁹, muitas vezes trabalhadas como algo estanque, sem interconexão, o que pode dificultar ao aluno, até mesmo a compreensão dos temas como conectados, integrados, como a construção de uma cosmovisão que possa proporcionar percepções mais abrangentes da realidade (GALLO, 2008, p. 70).

Loureiro (2006) e Gallo (2008) destacam aspectos que envolvem a educação tradicional e atual:

A perspectiva pragmática ocorre de modo amplo na educação, cujo exemplo mais evidente se dá no processo de reformulação dos cursos superiores, no qual encontramos posicionamentos favoráveis à redução do tempo de duração dos cursos, pautados na diminuição de oferta disciplinas humanísticas. Privilegiam-se as disciplinas e cursos instrumentais, não se problematiza com os alunos a necessidade de se formarem profissionais, produzirem conhecimento e tecnologias que sirvam para o bem comum e não exclusivamente aos interesses do estado. A falta dessa situação ampliada no ensino superior se reflete no manifesto desejo dos discentes em quererem que os conteúdos respondam somente “ao como fazer”, evidenciando a despreocupação com o equilíbrio entre teoria e prática no corpo de cada disciplina e no currículo como um todo indissociável do processo formativo. (LOUREIRO, 2006, p. 43)

¹⁹ A própria palavra disciplina já pode falar por si, “a disciplina, expressão dinâmica do poder na ordem das instituições, consubstancia-se em dispositivos que, como instrumentos normalizadores, correspondem ao modo peculiar de disposição do conjunto dos meios e das táticas implícitas na organização dos aparelhos de controle e no interior dos aparelhos disciplinares, tanto em relação ao funcionamento, quanto à conexão destes entre si. Deste modo a disciplina opera sem se identificar com qualquer instituição ou aparelho, permanecendo sempre como uma modalidade do exercício do poder no quadro específico das relações sociais. (MENEZES *in* JUNIOR.D; VEIGANETO, A; FILHO, A. 2011. p. 30)

A efeito disso são realidades estagnadas, sem interligação, que refletem uma dificuldade em se visualizar o conhecimento a partir de uma cosmovisão, o que acaba por produzir percepções globais da realidade, ou seja, acaba-se por produzir uma visão generalista que faz subsumir quaisquer possibilidades de uma especialização do olhar (GALLO, 2008, p. 70).

Nesse sentido, Maturana e Varela (2011, p. 7) expõem que o modo em que o conhecimento se dá, instiga a curiosidade humana há séculos, e desde o Renascimento poder-se-ia dizer que o conhecimento em suas diversas formas vem sendo tratado como a representação fiel de uma realidade independente do conhecedor. Ainda nesse sentido, os autores explanam (ibidem, p. 9) que a subjetividade é descartada pois poderia comprometer a exatidão científica. Assim, o representacionismo constitui o marco epistemológico prevalente na atualidade. Guattari (2000, p. 18) também evidencia que as ciências humanas e as sociais acabaram condenando-se a si mesmas a permitir que se escapasse as dimensões intrinsecamente criativas e até mesmo autoposicionantes dos processos de subjetivação. O autor (idem) ainda acredita que há urgência em que sejam desfeitas essas referências e metáforas cientistas para que se permita vislumbrar novos paradigmas, preferencialmente de inspiração ético-estéticas.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2004, p. 245) comenta que é primeiro nos colégios e depois nas escolas que se encontram os métodos disciplinares em que os indivíduos são individualizados na multiplicidade. Acredita-se que essas tentativas de homogeneização são encontradas ainda hoje nas instituições de ensino que se intitulam modernas e condizentes com o mundo contemporâneo.

Esse cenário, embora presente em abundância na literatura especializada em educação aguçou uma percepção efetiva no contato com a prática profissional dentro das salas de aula. Nestes espaços, a transmissão de conhecimento se tem pulverizada, engessada, desconectada da realidade e dos processos de subjetivação. A isso, alia-se uma maneira simplista com que as questões ambientais são tratadas, o que acaba por resultar em alunos que esperam

respostas prontas, em um conhecimento que flutua, muitas vezes, provenientes de informações superficiais oriundas dos meios de comunicação.

Sobre essa mera transmissão de conhecimentos, buscou-se apoio em Larrosa, (COSTA, 2007, p. 135) que em entrevista comenta que se necessita repensar a ideia de formação. Formação que o autor diz ter duas faces, por um lado dando forma e desenvolvendo um conjunto de disposições preexistentes e, por outro, levando o homem à uma conformidade a um modelo fixado de antemão e tratado como ideal. Nesse contexto, o autor defende a ideia de “pensar a formação sem ter uma ideia prescritiva de seu desenvolvimento nem um modelo normativo de sua realização” (COSTA, 2007, p. 135) sem itinerários, padrões autoritários; algo que realmente possa trazer algo novo.

Em sala de aula faz-se notável que o conhecimento seja tratado, na maioria das vezes, como algo que acontece sem a atuação do eu e com o mínimo de estímulo ao pensamento, à experimentação, à criação. Maturana e Varela (2011, p. 12) corroboram nesse sentido, ao fazer uma explanação sobre os processos de conhecimento; os seres vivos constroem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva e sim pela interação, ainda, o processo de aprendizagem se dá pela vida; “Aprendem vivendo e vivem aprendendo” e esse posicionamento é algo estranho diante de quase tudo que chega por meio da educação formal.

Presencia-se que muitas vezes, carece-se de um esforço para tentar romper com a necessidade de representação das coisas (do que são, o que são) e investir na possibilidade de um pensamento que seja imanente, ou seja, que se produza pelos caminhos, que por ele sejam percorridos.

Ainda buscando apoio em Larrosa, (2002, p. 28) pode-se inferir conjuntamente com o autor que, o conhecimento dito moderno não é mais o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a vida dos homens, o homem reduz tudo à sua imagem e a sua medida. Nesse sentido, atreve-se a fazer relação do homem com o ambiente, até mesmo quando se fala em educação, pois essa supremacia do

homem em relação às práticas de seu cotidiano resultam a atual relação humana com o planeta, um antropocentrismo exacerbado, e modelos denominados 'científicos' cada vez mais fixados e pré-definidos.

Com isso, pode-se colocar em discussão alguns conceitos que circulam no campo da educação ambiental, adotando uma perspectiva ética, política e estética, com ênfase nas questões discursivas que fornecem uma sustentação à paisagem ambiental que permeia a contemporaneidade. Tomam corpo os espaços micropolíticos do escopo ambiental, situados nas fronteiras dos relacionamentos deste ser dito humano consigo e com seu entorno. Com essa perspectiva, pretende-se trazer a Superfície um conjunto de acontecimentos que subterraneamente, talvez, reproduzam muitos procedimentos próximos aqueles que circulam em termos de uma macropolítica ambiental. De forma alguma se pretende relativizar as agressões ambientais, mais que evidentes, atualmente, contudo se faz premente uma discussão que aproxime uma reflexão sobre os espaços cotidianos da urbanidade e, principalmente dos desdobramentos que tomam efeito como marcas nos corpos destes seres que se constituem em urbanóides. (DE ARAUJO; BARREIRO, 2011, p. 349)

Essas percepções passaram a provocar uma inquietação constante, o que encaminhou a realização desta pesquisa, como forma de compor um entendimento de como estas questões ocorrem. A partir deste panorama, começou-se a organizar os fios que se tecem a malha de uma escrita que compõe com algumas linhas, um plano de criação. Linhas que enredam a atuação profissional, o desejo dos alunos de respostas prontas, às respostas da academia que se tornam verdades, a formatação de ideias pré-moldadas, as inquietações com o planeta, a relação humana com o ambiente. Talvez, a criação de um nova/outra noção de cuidado ambiental.

5. ATUAÇÃO HUMANA E O PLANETA

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapam ao controle ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzido.”

(DELEUZE, 2010, p. 222)

O interesse e o estudo das questões ambientais não são recentes. Emergem desde o período da realização dos cursos de graduação e, posteriormente, expande-se com a área de atuação docente, o que permite e possibilita a composição de um trabalho em que se possa tentar trazer um pouco dessas questões para o interior das salas de aula, e questionar a ideia corrente de que, cada vez mais se tem uma formação técnica e desconectada do planeta onde se vive.

Pode-se dizer que o homem, de uma maneira bem geral, habituou-se a deliberar em relação aos recursos naturais, baseados em uma ideia infundada de progresso. Um raciocínio de uma lógica que direciona a importância apenas para uma matriz de produção. Um enfoque antropocêntrico²⁰, que muitas vezes não permite pensar sobre a ética ambiental. Assim, o mundo, dito contemporâneo, habituou-se a deliberar a partir de análises econômicas e científicas, sem preocupação com os aspectos éticos envolvidos. E, neste caso, a questão ética fica explícita enquanto uma condição de possibilidade de cuidado com ambiente, este eticamente comprometido com as questões do entorno e, também com as questões de si, em um processo de uma produção de subjetividades, que

²⁰ A concepção do homem como o centro do universo baseia-se na ideia de que o homem é o centro do universo, sendo que é no contorno desse centro que habitam todos os demais seres vivos, tornando o homem uma referência absoluta de valores, colocando os propósitos humanos por cima de quaisquer interesses de indivíduos de diferentes espécies. (MILARÉ, 2013, p. 104)

efetivamente pelas qualidades implicadas nas relações individuais e coletivas, as quais dão forma a uma determinada estética ambiental, ou seja, aquilo que se concebe perceber e nomear, de como e porque um determinado ambiente tornou-se o que é, implica e envolve cuidado, implica e envolve ética.

Mas, para se tentar saber como se chegou aonde se chegou, acredita-se conveniente traçar um breve histórico da relação humana com os recursos naturais, para tentar compor um desenho da situação atual em que o planeta se encontra, em termos de cuidado ambiental. Apoiando-se no pensamento de Deleuze (2010, p. 214) ao tratar de histórico ou de história merece destaque que o autor expõe que a história capta do acontecimento a sua “efetuação em estados de coisa, mas o acontecimento em seu devir escapa a história. A história não é a experimentação, ela é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa a história.” Ressalta-se esse trecho para alertar que o que se capta da história também tem relação com o plano de referência estabelecido. Ou seja, são elencados pontos que sustentam a análise histórica.

Porto - Gonçalves (2011, p. 11) descreve que a primeira vez que se viu o planeta Terra do espaço foi um duro golpe na visão antropocêntrica, ao olhar de longe, a Terra era azul, redonda e pequena, então aqueles que imaginavam-se senhores do mundo, ao menos na versão do Renascimento europeu, viam-se passageiros de um pequeno, finito e solto planeta, e assim, ideias começam a despir-se de conceitos filosóficos e científicos para tornar-se uma imagem, imagem esta que não possui fronteiras, apenas as da natureza, dos continentes, dos oceanos, e assim mesmo, diluídas, vagas e efêmeras.

Um tanto mais longínquo, a natureza era a “mãe terra”, ou então Gaia, de acordo com o antigo mito grego da “deusa terra”, o mito da criação, o mito da dança de Gaia:

A lenda da dança Gaia começa com uma imagem, de uma rede moinho de névoa na escuridão do nada chamado Caos pelos antigos gregos –

uma imagem que nos lembra fotos modernas de galáxias rodopiando no espaço. De acordo com o mito, é a divindade dançante Gaia, envolta em alvos mantos, em volteios através da escuridão. Conforme ela vai se tornando visível e sua dança engrandece, cada vez mais vívida, seu corpo se transforma em montanhas e vales; então o suor brota dela para transformar-se em mares e, finalmente, seus braços voadores revolvem um céu emaranhado que ela chama Ouranos – a palavra grega que ainda designa o céu que a envolve como protetor e consorte. (SAHTOURIS, 1991. p. 21)

Destaca-se esse texto, pois se vislumbra como uma bela passagem da história do homem em relação ao planeta, um endeusamento das forças naturais, a veneração que enfraqueceram-se e perderam-se para grande parte das culturas. Para Vattimo e Von Zuben (*et al* REIGOTA, 2010 p. 7- 8) os questionamentos que remetem à análise para o que se entende por mundo natural e, conseqüentemente, ao que se entende por natureza e por vida, ainda estão carregados de tradições morais e religiosas, dogmáticas e totalitárias e retratam a questão histórica da segunda metade do século XX onde pairava uma hegemonia do elogio incondicional à ciência, elaborada em discursos filosóficos, literários e artísticos, que por consequência marcaram época no debate ético, cultural, científico e político.

A ideia da ciência, conseqüentemente, de dominação da natureza pode ter impulsionado esse antropocentrismo. Ost aborda que a natureza que rodeava e alimentava a vida dos homens, a natureza na qual as cidades se organizavam, passou a estar à mercê do homem, invertendo-se a relação, parecendo que “equilíbrio natural” e “interesses humanos” tornaram-se opostos (OST, 1995. p. 311).

Nesse sentido, ainda buscando-se evidências históricas, Maturana e Varela (2011, p. 9) comentam sobre os bôeres, europeus que inicializaram a colonização da África do Sul no século dezessete e segundo consta, para aqueles homens brancos não era a cor da pele que tornava aqueles homens diferentes e sim, a maneira com que eles se relacionavam com a natureza, onde não havia âmbito humano separado do mundo natural.

Outro aspecto cultural demonstra relações diferentes no que se refere à natureza, é que na antiga cultura dos caçadores, por exemplo, não havia uma tentativa de controlar a natureza, e sim, fazia-se imprescindível, *ser parte* desse grande ciclo. Interagir, integrar, permitir-se ser parte dessa disputa de vida e morte. Era preciso haver uma interação com o ambiente natural - sabedoria ecológica difícil de imaginar atualmente (WOOLGER, 2007, p. 85).

Venerava-se os raios, o sol, a água, o vento. Hoje, talvez, essa ideia de mundo, habita, grita e venera a natureza, apenas dentro de capas empoeiradas de livros antigos. E, habita, talvez menos o corpo, que assume uma função muito mais contemplativa, muitas vezes de receio, de distanciamento, como se de alguma maneira, homem e natureza, pudessem compor elementos que, isoladamente, fizessem sentido. Questiona-se, quando, como e por que se perdeu o vínculo com o natural? Houve um distanciamento? Onde? Quando?

Bares (2007, p. 45) trata sobre algumas consequências do distanciamento do homem com o planeta sendo tratado como um organismo vivo, afirmando que a simbiose entre o entorno e seus ocupantes cria um equilíbrio. Nesse equilíbrio o instinto impulsiona um ser vivo a interagir com o outro, pois forma parte do mesmo. E, ao que parece, esse equilíbrio foi perdido pelo homem, que por efeito se viu obrigado a modificar inclusive seus instintos, tendo que reinventá-los, articulá-los e guardá-los como um bem comum. Ou seja, de algum modo, instituiu-se um modo de ser, ao qual o próprio homem está sujeito, como forma de estabelecer a significação da permanência humana no mundo. Os processos de significação, que sustentam o ideal de homem e de ambiente, identificam o que deve ser o homem e o ambiente, cabendo ao humano ser o que lhe impõe a imagem que dele se lhe espera; e ao ambiente os reflexos do que isso significa.

Quando se faz referência a um distanciamento, caminha-se na direção de um antropocentrismo, a partir do qual o homem torna-se o centro do cosmos, superior à natureza, e o meio ambiente natural reduz-se à ideia de algo distante, e inferior hierarquicamente, aos seres humanos. Ou então, como Seabra (2013, p. 11)

ilustra, “o homem em um plano e o ‘resto’ como planícies, montanhas, oceanos, ao serem vistos à distância, como objetos em miniatura”. Ou seja, instituem-se duas realidades, cada qual com um modo de funcionamento próprio. Relação, aonde o homem detém o poder de pensar sobre o ambiente que deseja, projetando assim os direitos e os deveres, que possam garantir a ideia de sua realização. Não é somente o ambiente que está preso a uma ideia de algo distante, mas a própria ideia de homem, sob jugo da qual giram os processos que produzem a significação do que é a natureza e do que é o homem.

Ao ser estabelecida essa separação, a visão representacionista em muitos casos acaba culminando em graves distorções de comportamento, tanto em relação ao ambiente quanto ao que diz respeito à alteridade, assim o representacionismo estimula que se siga acreditando que o homem é separado do mundo e que assim seguirá sendo independentemente da experiência humana (MATURANA; VARELA, 2011, p. 9).

Mesmo que muitos homens pareçam ter perdido, aparentemente esse vínculo com o natural, no que se poderia formalizar como um plano visível poder-se-ia questionar, acerca do plano de um invisível. Repetidas vezes paira a dúvida de quantas Ártemis²¹ vivem nas cidades, rondando insatisfeitas com os modos de vida impostos na sociedade atual. Talvez, o que se possa inferir a esta questão, é torná-la desviante do que deve ser o homem e a natureza, e apostar na busca de um melhor entendimento de como e porque, o homem e o ambiente se tornaram o que são. Talvez, sabendo-se mais sobre como isso acontece, mais bem se possa cuidar do ambiente e de si.

²¹ Ártemis era a deusa mais popular da Grécia, é a deusa da natureza selvagem, ronda as florestas os bosques e as campinas. Para alguns vem santificar a solidão, a vida natural e primitiva na qual todos podem retornar, quando se julgar necessário retornar a si mesmo, garantindo assim, mais uma domesticação.(WOOLGER, 2007, p. 81-82)

6. O AMBIENTE E A REPRESENTAÇÃO: analogias e juízos

“Toda força é apropriação, dominação, exploração de uma quantidade da realidade. Mesmo a percepção em seus aspectos diversos é a expressão de forças que se apropriam da natureza. Isto quer dizer que a própria natureza tem uma história. A história de uma coisa é geralmente a sucessão das forças que dela se apoderam e a co-existência das forças que lutam para delas se apoderar. Um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido de acordo com a força que se apropria dela. A história é a variação dos sentidos, isto é "a sucessão dos fenômenos de dominação mais ou menos violentos, mais ou menos independentes uns dos outros". O sentido é então uma noção complexa: há sempre uma pluralidade de sentidos – uma constelação, um complexo de sucessões, mas também de equívocos e de uma interpretação nova”.

(DELEUZE, 1976 p. 3)

Muitas vezes, nem tanto pela velocidade com que a sociedade dita suas regras, mas pelo modo imperativo como cobra a obediência a estas regras, acaba determinando comportamentos. Ou seja, as maneiras de ser, as maneiras do que se deve ser para alcançar a imagem de homem projetada na linha do horizonte, produzem a dívida infinita que assola a grande parte da humanidade, a qual determina como deve o homem comportar-se; como deve vestir-se; como deve comer, andar, sentar; como deve relacionar-se, consigo e inclusive, como deve atuar diante do ambiente que o cerca.

Tratando-se sociedade, recorda-se que embora se tenha difundida a ideia de que se vive em uma sociedade livre para pensar, para agir, obviamente que obedecendo algumas regras, vigora um agenciamento de poder invisível porém intimidante. O controle é cada vez mais presente e pode ser verificado também no conceito conhecido como Sociedade de Controle.

A Sociedade de Controle, veio a substituir a denominada Sociedade Disciplinar, situada por Foucault nos séculos XVIII e XIX, atingindo o apogeu no século XX, a disciplina regia inicialmente a vida em família, depois a escola, a caserna, a fábrica, em alguns momentos, o hospital e eventualmente a prisão, o confinamento por excelência (DELEUZE, 2010, p. 223). O autor ainda cita Foucault (idem) que menciona operários trabalhando, que mais parecem estar numa prisão, porém num meio de confinamento visível, a fábrica: concentrar, distribuir no espaço; ordenar no tempo e compor no espaço-tempo. Essa classificação que se fundava e que maquinava moldagens fixas, distintas, tinha uma duração e um espaço determinado.

Deleuze (2010, p. 224-227) aborda que na mudança da Sociedade Disciplinar analisada por Foucault para a de Controle, passou-se do confinamento ao controle contínuo e comunicação instantânea, ou então, em um análogo exemplo, os túneis estruturais da toupeira estão sendo substituídos pelas ondulações infinitas da serpente.

A disciplina descreve a função de adestramento como objeto de uma analítica do poder estruturado em torno da vigilância hierárquica, do registro, do julgamento e da classificação permanentes, perpassando os efeitos do poder, uns sobre os outros, num processo interminável de controle sobre a própria produção de controle (MENEZES *in* VEIGANETO. 2011, p. 29)

A Sociedade de Controle, não dispõe de métodos tão visíveis, quanto a Disciplinar; há uma contínua busca para amarrar essas teias. Para isso, dispõe de outros meios de gerenciamento de poder, meios estes que através de mecanismos de captura, controla os indivíduos, mas não de uma maneira visível; o controle é exercido no invisível, em campo aberto. Em outras palavras, as mudanças exigidas não são mais fixas e rígidas como na Sociedade Disciplinar, o controle atua por redes flexíveis e moduláveis, Deleuze (2010, p. 235) ilustra: “como uma moldagem auto-deformante que muda continuamente, a cada instante, ou como um peneira cujas malhas mudam de um ponto a outro”. O que o autor chamou de modulação contínua, ilustra a fluidez e sutileza com que os meios de atuação capturam e controlam. Na Sociedade de Controle, os mecanismos de ação são mais sutis, em relação à disciplinar, não atuam diretamente, não são mecanismos mecânicos, são meios de captura, que atuam e vigiam silenciosamente, e essas artimanhas são cada vez mais notáveis.

Basta fazer um breve momento de pensamento sobre a internet, os aparelhos eletrônicos, dispondo de mecanismos para divulgar informações em tempo real, a “necessidade” que muitas pessoas tem de mostrar onde estão, o que fazem, o que vestem, o que comem, como estão se sentindo, provavelmente cada um tem muitos exemplos à recordar. E, mesmo que opte por não se expor, como nos exemplos citados, a sociedade como um todo acaba se submetendo aos inúmeros meios de captura, e mesmo sem que se queira, se acaba sendo vigiado nas ruas; câmeras, muitas vezes com transmissão simultânea pela internet, carros ou celulares com informação de localização, ou então no comércio através dos cartões de crédito, do GPS, do controle dos acessos das próprias pesquisas na internet, são inúmeras as formas de registro, e estes são alguns exemplos do cotidiano.

Cita-se essas denominações de sociedade disciplinar, sociedade de controle, e o que alguns autores denominam a sociedade de risco²² para quem sabe, puxar ainda mais fios que tecem a malha da presente escrita e que, quem sabe, possa ser premente poder pensar um pouco sobre a vida atual, aquela que se tem, na medida das relações, entre aquilo que se deve ser e, o que, no final das contas, pode-se ser. Uma vida entremeada em uma sociedade moldada pela mídia, envolta por um contínuo estímulo ao consumo, que descentram os focos de poder para as estruturas que produzem os signos de subjetividade verificados no senso comum, especialmente no controle exercido pela mídia, publicidade e demais mecanismos de captura, o que impõe à contemporaneidade um modelo ideal de vida – um padrão de vida, que rege o senso comum. (GUATTARI, 2000, p. 31).

Villela (2002, p. 2) corrobora este pensamento, exemplificando, com questões cotidianas, o modo de ser do homem moderno que transita pelo espaço-tempo contemporâneo. Um homem que, embora queira uma casa, um carro ou um guarda-roupa, que sejam únicos, que sejam próprios, o que se encontra ao sair às ruas é um tanto de outros tantos iguais; uma onda de estilo que captura à imagem esperada em meio a uma malha uniforme; deseja-se, desesperadamente um modo, modos de parecer diferente dos outros, de ter algo próprio, mas, permanece-se preso as imagens fornecidas como modelo do que se deve ser e o que se deve consumir para ser. Um paradoxo que impõe um desejo do que falta para se poder ser diferente de si e dos outros, para se poder ser próprio, e que só se pode realizar consumindo os modos de ser disponíveis. Ou seja, o homem torna-se refém perpétuo da imagem daquilo que deve ser e, persegue por toda sua vida aquilo que lhe falta para o ser. Isso se nomeia desejo, contemporaneamente. Um desejo de ser diferente que encontra repercussão na imagem do outro como qual se pode produzir uma identificação. E essa

²² Ulrich Beck é um teórico social destacado em trabalhos sobre globalização, sociedade capitalista, principalmente após a publicação de *Risk Society* (em alemão em 1986 e em inglês em 1992) que trata da Sociedade de Risco, ou seja “uma nova forma de capitalismo, uma nova forma de economia, uma nova forma de ordem global, uma nova forma de sociedade e uma nova forma de vida pessoal” (Beck, 1999: 2-7 *apud* Guivant, 2001).

exacerbação da produção de bens materiais e até mesmo imateriais, em detrimento da consistência de territórios individuais e de grupos, culminou em um imenso vazio na subjetividade (GUATTARI, 2000, p. 30)

Fazendo direta ligação com o Cuidado Ambiental, pode-se destacar o próprio comportamento em relação a natureza e às questões ambientais, que são impulsionados por essa máquina de controle, uma máquina invisível de controle e de poder que constitui um "aparelho de estado"²³ que se utiliza de procedimentos de captura, de restrição, de confinamento, de disciplinamento e de controle.

Georges Dumézil, em análises decisivas da mitologia indo-européia, mostrou que a soberania política, ou dominação, possuía duas cabeças: a do rei-mago, a do sacerdote-jurista. Rex e flamen, raj e Brahma, Rômulo e Numa, Varuna e Mitra, o déspota e o legislador, o ceifeiro e o organizador. E, sem dúvida, esses dois pólos opõem-se termo a termo, como o escuro e o claro, o violento e o calmo, o rápido e o grave, o terrível e o regrado, o "liame" e o "pacto", etc.¹ Mas sua oposição é apenas relativa; funcionam em dupla, em alternância, como se exprimissem uma divisão do Uno ou compusessem, eles mesmos, uma unidade soberana. "Ao mesmo tempo antitéticos e complementares, necessários um ao outro e, por conseguinte, sem hostilidade, sem mitologia de conflito: cada especificação num dos planos convoca automaticamente uma especificação homóloga no outro, e ambos, por si sós, esgotam o campo da função." São os elementos principais de um aparelho de Estado que procede por Um-Dois, distribui as distinções binárias e forma um meio de interioridade. É uma dupla articulação que faz do aparelho de Estado um *estrato*. (DELEUZE; GUATTARI, 1997b)

A questão ambiental acaba muitas vezes prejudicada por um reducionismo sistemático, encolhida como um objeto ao ponto de se tornar pura transparência intencional como coloca Guattari (2000, p. 19). Porém, essa máquina de captura tensiona-se com uma máquina de guerra exterior ao estado e ao seu funcionamento; máquina de guerra que, convém ressaltar, que de modo algum seriam definidos pela guerra, mas por maneiras de ocupar, de preencher espaços-tempo, ou até mesmo de inventar novos espaços-tempo (DELEUZE, 2010, p. 216). Uma máquina que deseja resistir aos princípios e aos enunciados

²³ Neste caso, o conceito de aparelho de estado remete a abstração que Deleuze e Guattari efetivam na relação entre a Máquina de Guerra e o Aparelho de Estado, conforme disposto em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 5, especificamente no platô referente ao Tratado de Nomadologia.

normativos; um combate em alguns pequenos espaços-tempo de relação, pequenas possíveis diferenciações; a tentativa de uma experimentação micropolítica.

Pode-se pensar que um indivíduo é uma infinidade de possibilidades, de ideias, de livres pensamentos; tratam-se de intensidades que se pode ser, que se pode vir a ser e a pensar, à princípio, porém o estado individual já foi previamente preenchido por um coletivo de pensamento com um aparato invisível que vai formatando a subjetividade através de inúmeros mecanismos. O que pode-se vir a ser, está sujeito aos aparelhos de captura da má consciência, que foi introjetada ao longo da existência, e esse aparelho não permite cruzar a fronteira, fica-se em um ir e vir, dentro de pensamentos e desejos marcando, e muitas vezes restam apenas marcas de ter tido aquilo que se recente e não conseguir transpor o que se deseja.

Guattari (1992, p. 8) comenta que o que se encontra comprometido é a relação da subjetividade com a sua exterioridade, e ainda complementa, que pode ser animal, vegetal, social, cósmica, como se estivesse presenciando um movimento geral de infantilidade regressiva.

Atreve-se a dizer que há uma liberdade de escolha controlada, acredita-se que se é independente, que se tem liberdade de escolha, de opinião, que cada um pode pensar o que quiser. Mas, o que se tem como estilo de vida e de comportamento, obedece a uma lógica de produção daquilo que se deve ser, e o que falta para que isso seja realizado. Bauman (2001, p. 13) também explana nesse sentido quando diz que atualmente se presencia uma redistribuição e uma realocação dos poderes da modernidade, onde os moldes foram sendo substituídos ao longo do tempo, mas nunca deixaram de existir: “as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar”. Como se a tarefa dos indivíduos livres não passa de utilizar sua liberdade para encontrar outro nicho que seja adequado para,

novamente seguir as regras e as maneiras de conduta consideradas mais adequadas.

Moldes. Um modo de ser que já está dado. Um modo de ser fabricado. Um estilo disposto na prateleira dos desejos daquilo que falta, pronto a ser consumido e a ser demonstrado e exibido:

A rotina diária do trabalho, dos estudos, da família a que se está sujeito historicamente, tem-se ainda potencializada pela necessidade de uma comunicação compulsiva que se impõe em meio a tantas ofertas midiáticas que surgem a todo o instante. Essas questões, de algum modo, modificam o desenho contemporâneo da educação ambiental, pois propõem uma ampliação da percepção deste território, não só quantitativamente, pelo aumento exponencial das possibilidades de relação, mas também e, principalmente, qualitativamente, à medida que se torna possível pensar a si e ao meio ambiente, enquanto potência de um continuum criativo, em que se avança e se recua, não porque se deve, mas porque se pode e se deseja o que se pode. Com isso, talvez seja possível modificar a topologia de capitalização do espaço ambiental a que se está sujeito, e experimentar poder perceber a realidade de um outro modo; ouvir o que não é falado, ler o que não é escrito; fugir da captura sempre eminente engendrada na enxurrada de discursos do politicamente correto. (DE ARAUJO; BARREIRO, 2011. p. 349-350)

E fazendo uma ligação à educação, ou então, às práticas normalmente estabelecidas quando se trata de educação, questiona-se se, também não se possui um ideal esperado de comportamento. Será que nesse estilo educacional, propagado tradicionalmente, não vigora esse princípio de formação de seres que não devem mais divergir, pensar e questionar, mas apenas consumir e se comportar conforme o controle estabelecido?

Veiga-Neto (2011, p. 18) analisando Foucault afirma que o mais importante não é descobrir o que cada um é, e sim como cada um tornou-se o que é, para a partir daí, contestar aquilo que cada um veio a se tornar. E cada um é fruto da sociedade que molda comportamentos, condutas e até a maneira moldada de viver, como robôs pré-formatados e com comportamentos esperados pela sociedade. Pois bem, mais uma vez, acredita-se que há uma urgente necessidade de tentar entender como essas coisas ocorrem, como acontecem as relações que produzem a estética daquilo que produz o significado das coisas. Talvez, um

pequeno percurso que tenta mapear e quem sabe, que se possa vir a perceber o que se pode vir a saber que não se sabe, para que, minimamente, se possa mais bem cuidar de si e do ambiente.

7. EXPRESSÃO DA VERDADE AMBIENTAL NA CONTEMPORANEIDADE: A BOA OU A MÁ PARRESIA

“Como lençóis de tempo que serão perpetuamente remexidos, modificados, redistribuídos, de tal modo que o que está próximo num lençol estará, ao contrário, muito distante do outro. É uma concepção do tempo muito surpreendente, cinematograficamente bem curiosa e que faz eco (...)”
(DELEUZE, 2010, p. 159)

Analisando as práticas correntes que envolvem as questões ambientais, as opiniões prontas sendo pulverizadas sem muitas vezes o mínimo de pensamento sobre os aspectos envolvidos, atreve-se a fazer relação com a parresia²⁴. Parresia como liberdade de tomar a palavra e, na palavra, exercer a fala franca, onde serve-se do discurso, mas do discurso sensato, do discurso de verdade, não de uma mera franqueza²⁵ desconectada do que realmente se acredita para agradar a maioria.

Tratando-se de discurso, Foucault (2008, p. 28) enriquece a abordagem lembrando que todo discurso repousa secretamente em um já-dito e este já-dito não trata-se simplesmente de alguma frase já pronunciada, ou de algo que já foi escrito, mas um jamais-dito, um discurso sem corpo, um sopro como uma silenciosa voz, uma escrita como um vazio de seu próprio rastro, em outras

²⁴ No presente trabalho, a expressão foi baseada em Michel Foucault, mais precisamente na obra *Governo de Si e dos outros* “Um dos significados originais da palavra grega parresia é o “dizer tudo”, mas na verdade ela é traduzida, com muito mais frequência, por fala franca, liberdade de palavra” (FOUCAULT, 2010, p. 42)

²⁵ “Então, vou corrigir essa definição corrente da palavra parresia dizendo: não é simplesmente essa liberdade de palavra, é a franqueza, é a profissão de verdade. Dito isso, é evidente que essa noção, esse termo parresia é às vezes, muitas vezes mesmo, empregado num sentido de todo corrente e fora de qualquer contexto, de qualquer armadura técnica ou política” (ibidem. p. 171)

palavras, supõe que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse prévio meio-silêncio que continua a correr insistentemente sob ele, mas que o discurso recobre e faz calar.

Destaca-se que ao tratar-se de verdade, foge-se também do sentido tosco da palavra, como algo definitivo. “A verdade é produzida graças a múltiplas coerções” e produz efeitos regulamentados de poder; cada um, cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política de verdade, quer dizer, os tipos de discurso que são acolhidos e que funcionam como verdadeiros (FOUCAULT, 2000, p. 16)

Crê-se conveniente chamar quem lê, que busca-se uma organização de pensamento sobre a verdade de agora, pois a verdade não é algo estanque, a verdade é volátil, transitória, ou então, a verdade é tão passageira como as nuvens que cobrem quem escreve no presente instante.

Salienta-se que ao chamar ao texto à parresia, não se está falando também da isegoria²⁶, ou seja, o direito concedido a todos de tomar a palavra, de falar, sob todas as formas que essa palavra possa assumir. Talvez, para que fique mais claro, através da noção obtida, o que faz a principal diferença entre a isegoria e a parresia é a contenda entre alguém poder falar e dizer tudo o que pensa (isegoria), e a verdade, que evidentemente se arraiga nessa isegoria, se referindo a ideia de que se diz o que efetivamente se pensa, aquilo em que realmente se acredita; parresia como profissão de verdade (FOUCAULT, 2010, p. 171).

Sendo assim, o presente estudo, busca aproximar-se a ao máximo da parresia, no encontro à expressão da verdade, se servindo do discurso, mas de um sensato discurso de verdade como a verdade mais sincera que abarca, tomando noção diferente do que se entende por verdade atualmente (íbidem, p. 146). Busca-se

²⁶ “no sentido etimológico do termo: a igualdade de palavra, isto é, a possibilidade para todo indivíduo de ter acesso à palavra, devendo a palavra ser entendida em vários sentidos: pode ser tanto a palavra judiciária quando, seja para atacar, seja para se defender, pode falar nos tribunais; é também o direito de dar sua opinião, seja para uma decisão, seja também para a escolha dos chefes por meio do voto; a isegoria é, enfim, o direito de tomar a palavra, de dar sua opinião durante uma discussão, um debate.” (FOUCAULT, 2010, p. 140)

assumir uma versão de uma verdade sincera, não apenas franqueza, e sim a verdade como essência, como verdade de si, associada, quem sabe, a um cuidado de si, uma verdade ética que realmente questiona a expressão da verdade ambiental, propondo uma ética de existência que retorna sobre o sujeito para que ele perceba como realmente ele se torna o que é, percebendo que trata-se algo em movimento, nada estável nem estanque, é um processo contínuo. Talvez quanto mais bem se conhece mais ainda haja para conhecer. Acredita-se que, em torno de um cuidado consigo, pensasse em toda uma atividade, em um cuidado com o comportamento, com a escrita, com a palavra, se ligando o trabalho de si para consigo e também a comunicação com outrem (FOUCAULT, 2005, p. 57).

Ao pensar a questão ambiental, tem-se ideias difundidas construídas pela retórica da verdade de um povo, não através da produção de um valor, algo que parece distante dos reais processos de subjetivação envolvidos. O conceito de Cuidado Ambiental está sujeito a quem? A si enquanto sujeito já fundamentado e à quem mais? Quais subjetividades estão presentes no conceito ambiental? Qual é a verdade ambiental? Aproxima-se da ideia de parresia, pois na contemporaneidade, tem-se uma expressão da verdade, porém é a expressão normatizada, normalizada, construída da verdade, ela não é verdade de si, não enxerga o cuidado de si, é comum a todos. Fabricada. Não é ética. É uma moral. É para o governo dos outros, como um certo modo de exercer o poder pelo dizer, e pelo dizer-a-verdade. É a denominada má-parresia, trazendo ideias de verdade, ideologias prontas.

A má-parresia não está indexada à verdade, não é capaz de se formular de maneira sensata, transmitindo a real verdade, porém, é capaz de persuadir, podendo agir sobre quem as ouve, arrebatando; mas não arrebatada por dizer a verdade, não sabendo dizer a verdade, arrebatada por procedimentos que podem ser da lisonja, da retórica, da paixão, dentre outros (ibidem p. 154).

De acordo com o que preceitua Foucault (2010, p. 155) para que haja a verdadeira parresia deve-se ter coragem, aquela coragem do soldado, daquele que é capaz de defender sua terra, e sempre pronto para participar das lutas oratórias, necessita também de uma coragem cívica diante das práticas que tentam bajular ou atuar de acordo com as práticas normalmente aceitas pela sociedade. Deve ser íntegro e preocupado com o que se propôs a falar e sempre prudente, resumindo então em três virtudes: qualidade intelectual, qualidade moral e a qualidade da coragem.

A verdade do ambiente, enquanto um cuidado com este ambiente, isso em uma relação ética de cuidado com o ambiente, no sentido de buscar a percepção de como este ambiente torna-se o que é, a partir das relações ético-políticas que o constitui, resistindo por este ato de cuidado, por esta atitude ética à expressão da verdade do senso comum que estabelece as posições que o sujeito deve ocupar nas relações com o ambiente, provendo assim, o que se pode nomear como uma moral ambiental.

São tantos questionamentos! Que bom! Pois não busca-se encontrar a resposta e sim, tentar através de um lance de dados, de questionamentos, estimular o pensamento e as questões que possam estar envolvidas em um conceito entrelaçado com tantos agenciamentos e marcas.

Aproveitando os ensinamentos do autor (FOUCAULT, 2010 p. 155) ao tentar acoplar a parresia com a questão ambiental, não se tem a pretensão de ficar apenas querendo o tempo todo dar opiniões e impondo as maneiras que se deve ser, assim pode-se acabar perdendo-se tempo em discussões indefinidas e fundadas em clichês.²⁷

²⁷ Para tentar ilustrar ainda mais o pensamento do autor, cita-se exemplo do livro que pode auxiliar o entendimento sobre a parresia: “ é um *autourgós*: alguém que trabalha com as próprias mãos. Não é de modo algum, se vocês preferirem, um operário agrícola, nem um serviçal, mas um pequeno lavrador que pega no arado, que tem uma terra, um lotezinho que ele cultiva e pelo qual luta. É o que o mensageiro menciona no texto quando diz: pertence a essa categoria de gente que salva sua terra”. (FOUCAULT, 2010, p. 155).

O denominado mau parresiasta provém de qualquer lugar, ele diz, ele opina, mas não representa a opinião que realmente pensa, tampouco acredita que sua opinião seja verdadeira, apenas repassa a opinião da maioria, a mais recorrente. O falso discurso não é dotado de coragem, busca segurança, ou melhor o "todo o mundo" o "qualquer um", dizendo tudo e qualquer coisa, contanto que seja bem recebido por qualquer um, isto é, por todo o mundo (ibidem p. 168). Assim como as ideias sobre meio ambiente, vaga, pronta e repassada como um produto apto ao imediato consumo.

A questão ambiental acaba fornecendo muitas pistas sobre os moldes previamente estabelecidos e os problemas ambientais são cada vez mais notáveis, bem como as práticas denominadas ambientalmente corretas. Empresas estampam em seus rótulos que são "amigas da natureza" e o marketing verde está em todos os lugares. Toda uma produção disponível ao consumo. Produção de valores e de sentidos, os quais conduzem a uma visão de mundo esperada, determinada por regras e garantida pelo poder imperativo que as resguardam. A imagem do que o ambiente deve ser e o que se deve fazer, ou não, para que isso seja alcançado.

Vieira e Henning (2013, p. 3) reforçam esse entendimento, e dizem que atualmente se está diante de um bombardeio de ditos sobre a crise ambiental, os quais circulam diariamente nos veículos de comunicação de massa, conduzindo a maneira que a sociedade deve olhar esses problemas ambientais, porém, para o questionamento, o que se entende por meio ambiente no senso comum, através das informações difundidas nesses veículos? O que se entende por natureza? Como se pensa atualmente o homem no meio ambiente e na natureza? Como se dá o atravessamento por esses discursos que anunciam um mundo natural em oposição ao mundo humano? Como as verdades atravessam e fazem olhar o mundo de uma determinada maneira e não de outra?

A própria noção de sustentabilidade, hoje é tratada sem muitas vezes se conjecturar, sobre o que se está falando; a expressão encontra o domínio público,

utilizada sem análise sobre do que realmente é sustentável; não se questiona, não se pensa, muitas vezes ao interrogar até mesmo alunos, ressalta-se, em cursos da área ambiental: o que é sustentabilidade? O que se verifica? Ideias provenientes do principal formador de opinião: a mídia! Prontas, muitas vezes transcritas de slogans de empresas conhecidas popularmente, sem qualquer embasamento técnico e teórico. As opiniões proliferam. Lembrando que, tecnicamente, é uma pergunta muito difícil de responder, necessita de leitura, articulação teórica para dar suporte. Ribeiro em obra de Seabra (2013, p. 151) destaca que hoje a expressão sustentável ou então sustentabilidade, permeia diversos campos de atuação.

Lembra-se, que muitas práticas interessantes são verificadas por pesquisas, programas internacionais, certificações, mas ao mesmo tempo, muitas práticas tratam apenas de estímulos ao consumo, ao marketing e as tendências de um mercado que utiliza a bandeira verde como aliada à este modelo. Nisso, recorda-se Deleuze (1976, p. 4) ao explicar sobre o sentido das coisas “Uma coisa tem tantos sentidos quantas forem as forças capazes de se apoderar dela.” Assim, as ideias vão sendo criadas, moldadas e definidas e ganhando um sentido superficial muitas vezes com rótulos prontos e à disposição para um imediato consumo.

E assim, os ideais de verdade de conduta estão imperando e moldando comportamentos de grande parte das pessoas. Foucault (2011, p. 12), esclarece que a "verdade" está ligada a sistemas de poder, que produzem e apoiam essa verdade, e por conseguinte há efeitos de poder que são induzidos e reproduzidos. Com as questões ambientais as ideias de verdade também são constantemente propagadas: proteja o meio ambiente! Separe seu lixo! Recicle! Economize água! Não demore no banho! Preserve! Faça sua parte! Seja amigo da natureza!

Guimarães (2011, p. 9) ilustra que esses apelos ambientais são verificados em diferentes segmentos de consumo; agora pode-se comprar carros considerados verdes, ler livros e revistas verdes, as hospedagens podem se dar em hotéis que estão atentos à sustentabilidade de suas práticas; até mesmo algumas instituições

bancárias alegam que são mais interessantes, pois primam pela gestão ambiental, assim passa-se a estar a mercê em um mercado de novos negócios e de novos valores econômicos denominados verdes.

Para tentar abarcar as referências de expressão atenta-se a alguns estímulos baseados nas matrizes discursivas que representam a ideia de cuidado ambiental corrente, como um movimento de criação do trabalho e para isso, destaca-se alguns artifícios de captura utilizando a temática ambiental como um atrativo do benefício de consumi-los, conforme Figura 1:



Figura 1: Fragmentos de algumas imagens da Revista Arquitetura e Construção, Editora Abril, Edição de Abril de 2008

A compilação da Figura 1 foi mais surpreendente do que se poderia imaginar, embora já se tenha percebido que esse tipo de revista disponha de uma série de propagandas relacionadas à algum apelo ambiental, foram encontrados pelo

menos, mais de dezesseis imagens publicitárias em que a questão ambiental aparece de alguma maneira sendo citada.

A Figura 2 foi montada com duas propagandas, na esquerda da Revista Caras e na direita da Revista AG Revista do criador, para demonstrar que esse tipo de apelo acaba sendo verificado em meios de comunicação que atingem diferentes públicos. Ou seja, a captura é pulverizada:



Figura 2: Revista Caras edição 1083 de agosto de 2014 e AG Revista do criador nº 181, Editora Centauros, Edição de outubro de 2014

Há uma expressão de verdade, ou então, uma expressão posta do que é (má parresia) o cuidado ambiental. É o plano de referência que se tem de cuidado ambiental! Nisso recorda-se dos intercessores²⁸ de Deleuze, que ao tratar da

²⁸ “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas (...) mas também, coisas, plantas, até animais. (...) é preciso fabricar seus

intercessão, imagina-se que se aplique nesse sentido, pois já há um plano definido que já diz (de antemão) o que são as coisas, o que expressam e assim pode-se verificar os domínios articulados. Nesse contexto, pode ser verificado o discurso do aparelho do estado. E sem esquecer que possivelmente, essa matriz discursiva do estado é comprometida com determinado ideário. Mapeado pelo próprio estado. Sujeitando à fazer isso ou aquilo, em uma liberdade controlada, vigiada. Uma programação que acaba tornando-se parte da configuração que sustenta esse discurso. Não porque se pensa, mas porque se repete o que já foi dito, o que já foi pensado.

Guattari (2000, p. 8) reforça esse entendimento ao dizer que a sociedade, encontra-se numa infantilização regressiva, os jovens são cada vez mais moldados pelas informações superficiais distribuídas pelos meios de comunicação de massa, onde a grande maioria não se questiona sobre as ideias que estão sendo estipuladas de antemão, enquanto se imagina que se está escolhendo o que realmente se necessita.

Vindo ao encontro dessas ponderações, as relações humanas com a vida em sociedade, com a psique e com a natureza estão se deteriorando, não apenas em se tratando de nocividades mais visíveis, mas também, pelo desconhecimento e pela passividade, muitas vezes verificado dos indivíduos, ou seja, catastróficas ou não, as alterações do ambiente ou da vida são aceitas tais como são (GUATTARI, 2000, p. 24). O mundo acostumou-se a eliminar a pertinência das intervenções, e esse perecimento das práxis sociais acaba por excluir as ideologias e os valores (idem). Há um conformismo, um contentamento com as informações que são distribuídas em relação ao cuidado ambiental. Como se cada um que fizesse sua parte (como os meios de comunicação coordenam) está bom, estar-se-á praticando um comportamento esperado e ponto.

próprios intercessores. É uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é invisível. (DELEUZE, 2010, p. 160)

Porto-Gonçalves (2011, p. 15) contribuindo nesse sentido, lembra que se está muito distante das respostas a la carte que são oferecidas por um ecologismo ingênuo, embora possa ser algumas vezes bem intencionado, que a mídia manipula, sabiamente, onde cada um deve fazer sua parte, idealizando e moldando comportamentos ambientalmente adequados, como se a parte de cada um na injustiça ambiental fosse de responsabilidade igual. Wortmann (2012, p. 6) complementa que considerável parte do que constitui o significado atribuído ao ambiente, bem como do que tem sido considerado como “problemáticas ambientais”, recorta-se ou define-se pelas configurações atribuídas através dos meios de comunicação.

E pensando em cuidado ambiental não se pode olvidar do poder exercido pela mídia, exercendo muita força no mesmo sentido de moldes comportamentais, indicando maneiras das pessoas serem melhores com o ambiente, indicando “qual é o caminho”. Muitas vezes acredita-se que cada um é livre para escolher o que busca, o que é melhor para si, enquanto que existe um aparato invisível que vai formatando a subjetividade através de mecanismos midiáticos recorrentes.

Quanto às práticas em prol do ambiente, isoladas e dispersas, durante muito tempo acreditou-se que essas mitigações de impactos ambientais isoladas fossem suficientes, mas esse pensamento não vislumbrava a possibilidade de uma inclusão humana social. Ribeiro (SEABRA, 2013 p. 153) ressalta isso: “os olhares e as formas de mitigação rumo à sustentabilidade do viver humano, não buscam a sustentabilidade no próprio humano”. Como se o homem não fizesse parte do ambiente, como se pudesse haver dominação e gerenciamento dos recursos naturais sempre em favor do homem (e distante do homem).

Outro destaque que se traz para o estudo reside também na maneira simplista em que a denominada crise ambiental muitas vezes é debatida, Ratto e Henning (2012, p. 5) interpretam que uma espécie de consciência da crise é encontrada em diversos campos; desenhos animados, campanhas publicitárias, textos acadêmicos, matérias jornalísticas, documentários, obras de arte. Uma inumerável

quantidade de manifestações são articuladas em torno do grande signo da crise, onde muitas vezes, os discursos e as práticas são confundidos e desvirtuados dos sentidos éticos e políticos. Guattari (1992, p. 8) salienta que geralmente há um contentamento geral em abordar os danos ambientais em uma perspectiva tecnocrática, como se ficasse restrita aos danos industriais.

De maneira alguma pretende-se denegrir a imagem das práticas ambientais, e isso cabe esclarecer e ressaltar, pode-se perceber algumas ações em prol do ambiente, que podem ser caracterizadas como positivas, no sentido de potencializar um cuidado ambiental: a própria legislação ambiental, cada vez mais rigorosa, estudos técnicos sérios e servindo para subsidiar a identificação de atividades poluidoras. Entretanto, ainda há uma enorme carência nos seres humanos em se reconhecerem enquanto parte do planeta. Reconhecerem-se como parte de um organismo vivo muito maior. Uma coisa é a preocupação com o ambiente, para que ele se conserve benigno, e outra é saber, efetivamente, que se é parte do corpo de um organismo terrestre (SAHTOURIS, 1991, p. 19-20).

Tratando-se de legislação ambiental, de meio ambiente, muitas vezes se percebe que há um incômodo por parte de alguns segmentos produtivos e econômicos em relação às cobranças sobre proteção ambiental, atendimento às normas ambientais²⁹, em contrapartida o próprio mercado econômico produtivo ressalta às práticas ambientais como atrativos para comercialização de seus produtos e serviços. Nesse sentido, Wortmann (2010, p. 8) discorre sobre determinada loja de departamento americana que cria e vende produtos que simulam a natureza, valendo-se de uma estratégia interativa, que está assentada na ideia de conservação da natureza para se conectar com os consumidores, a empresa promete aos cidadãos-consumidores que através de seus produtos podem ter

²⁹ Apenas para ilustrar: matéria divulgada no site da revista Época trata da questão ambiental e o desenvolvimento, comentando que “Obras de infra-estrutura essenciais para o país estão paradas por falta de licença ambiental.” Ainda complementando a manchete: “Não dá para crescer sem destruir os recursos naturais” O ambientalismo atrapalha o desenvolvimento? Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR75929-6009,00.html>. Acessado em julho de 2014.

uma re-imersão na natureza, mesmo que isso não escape dos limites da loja e de seus produtos. A empresa vende, através de táticas de comunicação e conexão entre o entretenimento e o educativo, ao mesmo tempo em que a mercantilização da natureza é procedida de forma ilimitada, desde globos que representam o planeta, quebra-cabeças com motivos ambientais, reproduções de diferentes animais. De acordo com o artigo, a natureza é configurada nesses objetos como “um mundo exterior que opera de acordo com suas próprias leis, sendo imune à interferência humana” e ao mesmo tempo “a natureza é configurada como um grande design, que localiza a humanidade consumidora em seu centro”. Seguindo no mesmo artigo, acredita-se ser muito pertinente comentar a denominada missão da empresa: repartir a natureza a todos, “permitindo que seus clientes levem para casa ‘partes’ dela, mantendo-os, assim, plugados à natureza através de tais artefatos e envolvidos pela magnitude de seu misterioso design”.

Controverso e incoerente talvez?

Ao mesmo tempo que se tem um apelo à reprodução do que é natural, onde até mesmo as construções tentam reproduzir ambientes naturais exclusivos e particulares, muitas áreas vem se perdendo em detrimento de interesses pontuais e restritos à classes econômicas mais privilegiadas.³⁰

Que cuidado ambiental se verifica com essas práticas atuais? É um questionamento que não cessa. Qual a percepção que se tem atualmente, muitas vezes auxiliada por artifícios comerciais e mercadológicos? Qual é o sentido de apoiar a implantação de determinados espaços privados retirando as características originais do local e ao mesmo tempo tentar reproduzir certos ambientes para apreciação? Conforme Imagem 1, na qual pessoas aglomeram-se

³⁰ Nesse sentido, recorda-se discussão em Imbé-RS em relação à um condomínio de luxo sendo construído em cima de Dunas, área considerada como de Preservação Permanente pela atual legislação, e como atrativo comercial destaca-se a proximidade com o ambiente natural, onde se investiga suspeitas de fraudes e corrupção na concessão de licenças ambientais. <http://www.sul21.com.br/jornal/mpf-identifica-privatizacao-de-espaco-publico-e-dano-ambiental-na-construcao-de-condominio-de-luxo-em-imbe/> Acessado em junho de 2014.

para ver um único elefante em um palco de concreto no zoológico de Buenos Aires, na Argentina.



Imagem 1: Elefante no zoológico de Buenos Aires, Argentina.

De algum modo, tem-se presenciado grandes movimentos em prol do ambiente, mas basta uma leitura mais atenta para verificar que muitas dessas práticas visam agradar o mercado vigente onde é 'bonito ser sustentável'. Além disso, o mercado criou uma via de mão única entre os recursos e os resíduos, onde privatiza-se os ganhos econômicos enquanto que as perdas ambientais são 'socializadas' ou seja, poucos utilizam o lucro, enquanto que os malefícios são compartilhados por todos (SEABRA, 2013 p. 20).

Uma imagem que demonstra bem essa dicotomia e ideia do homem como distante do natural é o próprio afastamento teórico muitas vezes verificado em que o meio ambiente é apenas ligado ao ambiente natural como uma área verde, um rio ou um parque.

Para explicar essa ideia difundida sobre o que é meio ambiente proclamado pelo senso comum, basta realizar um rápido exercício em um site de busca. Basta digitar no site de pesquisa Google³¹ imagens de ‘ambiente’ que ter-se-á rapidamente como resultado, entre outras, esta imagem:

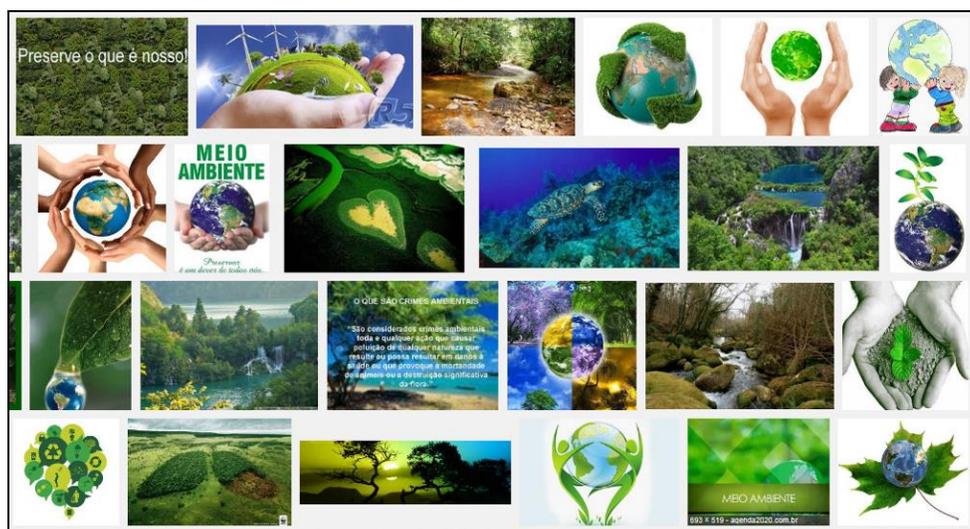


Figura 3– Imagem da palavra ambiente pesquisada no google

Foi um rápido exercício, mas que retrata a ideia disseminada de ambiente, ou meio ambiente, pelo senso comum. Inclusive, com inúmeras mãos humanas sustentando o planeta terra entre os seus dedos, como se os seres humanos possuíssem o poder de controlar e de modificar o meio com a melhor conveniência.

Essa perspectiva de controle, de domínio, tratando do ambiente como algo disposto para uso e posteriormente como depósito dos resíduos, poderia servir de fonte de pensamento, mas talvez, essa maneira de se remeter aos recursos naturais, ainda vem sendo vista, de maneira geral, como um produto disponível e, mais ainda, controlável e consumível.

³¹ Site de busca www.google.com Acessado dia 24 de dezembro de 2013

Ratto e Henning (2012, p. 1) esclarecem que atualmente, a crise ambiental não se trata de ficção literária ou retórica, mas de uma materialidade do fato de que existe uma crise ambiental instalada.

Guattari (2000, p. 7) já reforçava esse entendimento ao alertar sobre o período de intensas transformações do planeta, tanto técnico-científicas em contrapartida com desequilíbrios ecológicos que podem inclusive ameaçar a vida em sua superfície.

Bares (2007, p. 145) argumenta que à medida em que o enfoque das relações passou a se tornar cada vez mais antropocêntrico começa a ser presenciado um afastamento da relação instintiva entre o homem e o meio ambiente, e assim, o mundo habituou-se a deliberar a partir de análises econômicas e científicas, sem qualquer preocupação com os outros aspectos envolvidos, como a moral, a ética e a valoração intrínseca dos recursos e até mesmo da vida em suas diferentes formas. O autor ainda reforça que nenhuma outra espécie teve tantas e tão profundas mutações quanto à humana.

Muitas vezes nesse movimento de distanciamento e de supremacia dos interesses humanos, esquece-se que todos os seres existentes no universo (conhecidos até o momento) como bactérias, crustáceos, anfíbios, vegetais; ou seja, a fauna e a flora, originaram-se dos mesmos elementos físicos e químicos que há bilhões de anos surgiram juntamente com as estrelas (SEABRA, 2013. p. 16).

Tudo é vida! É o cosmos, organismo vivo, interligado, conectado, rizoma, teia, elementos em comum, elementos incomuns? Por que haveria de ser o homo sapiens o ser superior, supremo em um único e nem tão grande planeta nesse imenso universo ainda desconhecido?

Ainda sobre o distanciamento, Lawrence³², traz uma analogia sobre essa relação do homem com a natureza, explanando que o homem se afastou a tal ponto, que

³² LAWRENCE, D. H. *Selected critical writings*. Oxfrd, UK: Oxford University (texto disponibilizado pela Prof. Dra Roselaine Albernaz, no seminário Práticas de Si e outras Artes no 1º semestre de 2013)

não consegue mais se enxergar dentro do caos; sendo que natureza é caos, é disputa diária por alimentação, sobrevivência; o tão comentado *equilíbrio* visto de fora, é fruto de constante caos! Da escrita de Lawrence destaca-se:

No pavor que tem do caos, começa a levantar um guarda chuva entre ele e o permanente redemoinho, [...] pinta o interior de seu guarda-chuva como um firmamento. [...] erguendo, entre ele e o selvagem caos, um edifício de sua própria criação, e gradualmente torna-se pálido e rígido embaixo de seu para-sol. Então ele se torna um poeta [...] faz um furo no guarda-chuva; e oba!, o vislumbre do caos é uma visão, uma janela para o sol. Mas depois de um certo tempo, tendendo a se acostumar a visão, e não lhe agradando a genuína golfada de ar do caos, o homem do lugar comum rascunha um simulacro da janela que se abre para o caos, e remeda o guarda-chuva com o remendo pintado do simulacro. [...] Mas que pena! É tudo simulacro feito de inumeráveis remendos [...] Depois, anda à volta, vive e morre sob seu guarda-chuva [...] Até que outro poeta faça um buraco no amplo e tempestuoso caos.³³

Neste trecho, o autor traz a discussão, a partir de uma perspectiva que explora uma maneira ilustrativa, esse afastamento do homem com a natureza. Afastamento no sentido de não se conseguir mais se enxergar, simplesmente como um organismo vivo que habita o planeta. O antropocentrismo atual do homem, já destacado anteriormente, não permite que se tenha ideia de uma vida ao ritmo do caos. O que o senso comum impõe é a necessidade de se estar constantemente seguros, dentro de um guarda-chuva, apenas abrindo pequenos buracos para se contemplar as estrelas, remendando e protegendo-se da vida o tempo todo. Quando Lawrence relaciona o guarda-chuva, questiona-se, o quanto diferem-se, dessa analogia, a vida da maioria das pessoas? Quantas vezes se abre um buraco no guarda-chuva, uma “janelinha” para experimentar e, ao sentir alguma inquietação, algum desassossego, remenda-se imediatamente. Fecha-se a possibilidade da vida entrar e, nisso, muitos terminam pálidos, estagnados. A necessidade constante de produção de um sentido de segurança e estabilidade para a vida, a partir da matriz de pensamento, que desenha uma racionalidade,

³³ LAWRENCE, D. H. *Selected critical writings*. Oxfrd, UK: Oxford University (texto disponibilizado pela Prof. Dra Roselaine Albernaz, no seminário Práticas de Si e outras Artes no 1º semestre de 2013)

que a todo custo tenta afastar-se dos encontros tristes, acaba por privar o homem da própria possibilidade de viver.

As estratégias, os desvios, a dissimulação e a indiferença, entre outros procedimentos, preenchem os hábitos cotidianos e imiscuem-se por entre o teatro da vida. Isso compõe modos de ser, que se desenvolve a partir de movimentos constantes de repetição do mesmo, que produz uma inércia crônica, que nega qualquer possibilidade de diferença.

Persegue-se um ser igual. Uma igualdade, que enquanto ideário torna-se sinônimo de estabilidade e segurança, mesmo que se enseja em suma a mais pura diferença, com todos as controvérsias que esta percepção envolve. E, a vida passa!

Tratando de igualdade, semelhança e diferença, traz-se outra ilustração para que se estimule um exercício de pensar com, conforme a Figura 4

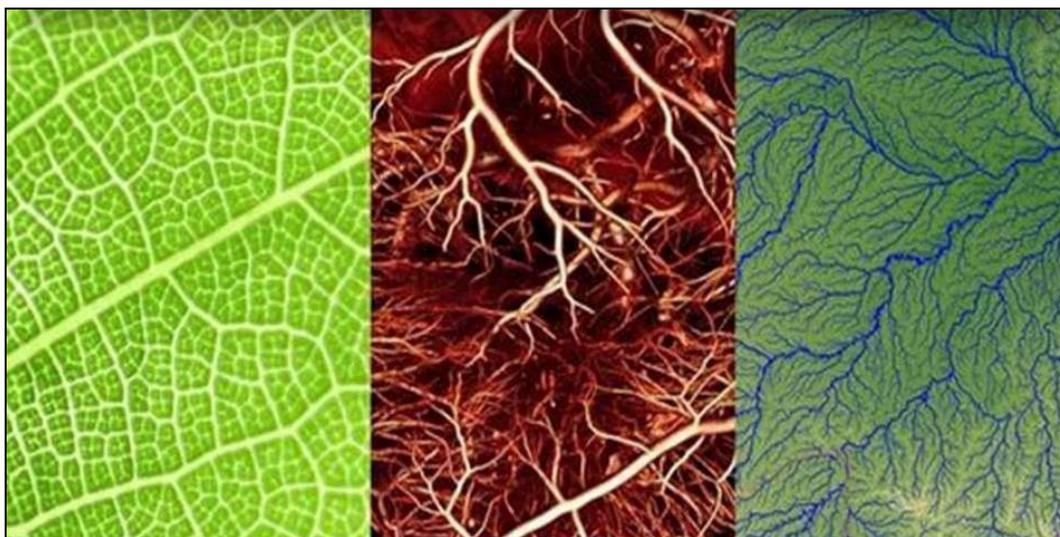


Figura 4: Imagem de 03 elementos vivos encontrados na natureza³⁴.

Alguém pode estar se perguntando nesse momento, que imagem é essa? Ou, ainda, o que essa imagem tem de relação com uma dissertação de mestrado?

³⁴ Imagem disponível no site <http://sociedadeverde.org/br/index.php>. Acessada em outubro de 2013

Que o atrevimento seja perdoado, mas a imagem somente se propõe a obter um momento de pausa. E, que cada um estabeleça a sua interpretação do que pode enxergar.

Da esquerda para direita, têm-se detalhes de uma pequena folha, no centro, imagem de vasos sanguíneos do coração humano e em seguida, as redes pluviais do Rio Amazonas. Três representações diferentes de um movimento de conquista e de manutenção da possibilidade de viver.

Semelhança? Diferença? São apenas detalhes, detalhes de vida.

Passa o homem. Por entre mutações perceptíveis ou não, repetindo-se em relações cotidianas. E diante dessas mutações, pode-se ilustrar, como mostra a figura, que as diferenças entre o ser humano e o ser do ambiente acontecem no/pelo movimento, pelo deslocamento, pela possibilidade de vir a ser. Isso conquista, talvez, a possibilidade de se poder, pelo menos, pensar a respeito. Uma possibilidade de estabelecer uma relação diferente em relação à vida, o que pode implicar um conhecimento de si e do seu entorno, que seja potencializado em um cuidado na direção de perceber o como e porque cada um se torna o que é, homem e ambiente e, assim criam condições de possibilidades de experimentar um cuidado de si e um cuidado ambiental que sejam próprios. Ressalta-se que o cuidado de si, que embora possa parecer um exercício de solidão, trata-se de uma atitude prática social, aparecendo, “intrinsecamente ligado a um “serviço de alma” que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas.” (FOUCAULT, 2005, p. 59)

E, por entre a inevitabilidade dos movimentos, por entre desassossegos, inquietações e percepções, essa escrita vai tentando ganhar uma forma, produzir buracos no guarda chuva do hábito e nas relações que sustentam um cotidiano de repetição do mesmo, sedenta de poder criar frestas por onde possam passar pensamentos que desejem (re) pensar um cuidado ambiental.

8. A POSSIBILIDADE DE UM CUIDADO AMBIENTAL POR ENTRE UM COTIDIANO ANTROPOCÊNTRICO

“O cuidado de si e do meio ambiente, passa cada vez mais pela arte de reinventar os modos de ser/estar no mundo, potencializando a simplicidade de dizer sim ao viver e não aos discursos falaciosos que representam um modelo de vida. Talvez aí, a dobra, o pequeno detalhe de diferenciação entre ser o senhor de seus atos ou o escravo de uma consciência”

(DE ARAUJO, BARREIRO, 2011, p. 350).

Na visão antropocêntrica do termo meio ambiente disseminada pelo senso comum, evidenciam-se o utilitarismo dos recursos naturais para a sustentação da vida humana, demonstrando, talvez, um reducionismo conceitual. Muitas vezes verifica-se a ideia de que as questões ambientais ficam centralizadas naqueles grupos que trabalham na área do meio ambiente (como se todos não partilhassem dos recursos e dos efeitos da falta de cuidado).

Essa ideia é verificada também na educação. Exemplifica-se com um fragmento extraído de uma dissertação de mestrado, onde através de entrevista a um professor de graduação questiona a importância da educação ambiental em um curso técnico. Eis o comentário do colega:

"O que eu faço, às vezes, mas não intencionalmente, é dizer pra eles que os projetos prediais e de condomínios, hoje em dia, são mais valorizados se tiverem uma novidade dessas que atentam pra reaproveitamento de água do chuveiro pra descarga sanitária, de água da chuva pra lavagem de calçada e coisa assim, mas eu digo que é uma questão de melhoria no projeto, o projeto deles ficará mais vendável assim, porque isso tá na moda, as pessoas querem morar em um apartamento assim porque acham que é politicamente correto, mesmo que, por outro lado, gastem muito mais energia elétrica ou gasolina nos carros."

Este pequeno fragmento pode demonstrar a dimensão mercadológica e simplista, que acaba por conduzir grande parte das possíveis relações com o

ambiente. Não se pretende estabelecer um juízo de valor para com o profissional e para com a instituição pesquisada, mas, apenas ilustrar com um exemplo menos abstrato uma realidade, a qual se pode verificar em segmentos diversos que compõem a sociedade contemporânea.

Os selos ecológicos, ou a chamada rotulagem ambiental, também se caracterizam como exemplos da busca de um cuidado ambiental. Mas são procedimentos, que muitas vezes são conduzidos por um apelo ao consumo, mesmo que a priori, possam ter sido idealizados para destacar bens menos prejudiciais ao meio ambiente, ou mesmo, para estimular a inovação tecnológica favorável ao meio ambiente. Em termos gerais, o que se tem verificado é a utilização desses mecanismos para estimular o consumo. Em muitos casos, têm-se procedimentos alicerçados em discursos proféticos ou de promessas. Procedimentos como os apresentados na declaração de várias porcentagens de conteúdo reciclável, pós-consumo, sem fornecer evidência alguma disso. Outros dotados de incerteza ou sem relação com a preservação de recursos. Como por exemplo:

Totalmente natural” (Arsênico, urânio, mercúrio e formaldeídos são de ocorrência totalmente natural, e venenosos), outras são sem sentido, asseguram a ausência de uma substância que, em verdade, nunca se encontrou presente no processo de fabricação do produto (ex. detergentes líquidos de cozinha “sem fosfatos”, quando na verdade este produto não contém esta substância.³⁵

Ainda sobre a rotulagem ou então *Greenwashing*, que atualmente vem crescendo no Brasil muitas empresas utilizam a chamada "maquiagem verde", sem explicar o que realmente estão fazendo em favor do meio ambiente. Acredita-se que nos últimos quatro anos, o número de rótulos com apelos ambientais cresceu mais de 340% e esse número se refere principalmente à cosméticos, produtos de limpeza e higiene pessoal. A pesquisa³⁶ ainda aponta que foram identificados 1.801 apelos

³⁵ O site <http://www.abnt.org.br/rotulo> dispõe de exemplos sobre algumas armadilhas utilizadas em rotulagens ambientais, essa prática é conhecida como greenwashing ou então lavagem verde.

³⁶ Conforme notícia veiculada dia 3 de outubro <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/10/estudo-mostra-que-empresas-usam-maquiagem-verde-nos-rotulos.html>

ambientais em pouco mais de mil produtos, e apenas 5% dos rótulos estão associados a selos verdes ou certificadoras reconhecidas no mercado.

Ao elencar esses exemplos, que alertam sobre as armadilhas que o mercado verde proporciona, remete-se novamente de Ribeiro (SEABRA, 2013 p. 153), que entende que aquele que se vangloria de uma certificação ou prêmio em relação à práticas ambientalmente benéficas, apenas com vistas ao mercado, produz mentes míopes, não percebendo o alcance das mentes conscientes. Àquelas que além de acreditar nas práticas, que podem elevar a imagem de suas organizações, também acreditam que, nessas ações existam ideologias e concepções, além de um interesse puramente financeiro.

Salienta-se que embora haja muitos apelos ambientais, maquiagens verdes ou rótulos sem qualquer fundamentação de que o produto realmente foi produzido com preocupação ambiental, possui-se muitos selos que possibilitam ao consumidor uma informação importante que pode ser obtida a priori, antes de seu consumo, como por exemplo o selo de produtos orgânicos, criado após a entrada em vigor da Lei dos Orgânicos³⁷. A partir de então existe um mecanismo de avaliação da qualidade orgânica, que foi todo normatizado e regulamentado através da criação de um selo único, padrão para todo território nacional exigido a partir de 2011, que apresenta ao consumidor o produto orgânico (Figura 5). Ou então o selo que informa a presença de transgênico ou OGM - organismo geneticamente modificado, (Figura 6) regulamentado desde 2003³⁸. Além de

³⁷ BRASIL, Lei Federal 10831/2003. Mais informações no site http://www.portalorganico.com.br/sub/40/selo_organico

³⁸ BRASIL, Decreto Federal 4.680 de 2003. Decreto Federal nº 4.680 de 24 de abril de 2003. Regulamenta o direito à informação, assegurado pela Lei no 8.078, de 11 de setembro de 1990, quanto aos alimentos e ingredientes alimentares destinados ao consumo humano ou animal que contenham ou sejam produzidos a partir de organismos geneticamente modificados, sem prejuízo do cumprimento das demais normas aplicáveis. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4680.htm

outros tantos selos e certificações que encontram-se em inúmeros produtos ou serviços como os selos ISO³⁹ internacionalmente aceitos, dentre outros.



Figura 5: Selo de produto orgânico



Figura 6: Selo de produtos transgênicos

Salienta-se que não se pretende estabelecer um discurso antagônico, cuja pseudoneutralidade possa combater as ideologias que sustentam os pensamentos. Tem-se noção da inevitabilidade dos processos que constituem a cada um como sujeitos, de si e do entorno. Deseja-se, contudo, criar a possibilidade de se poder experimentar outros modos de relação, que de algum modo, possam tornar efeito em outro conceito de cuidado ambiental, que fuja das armadilhas do consumo e do politicamente correto. Criar mentes abertas com as quais se possam oxigenar algumas ideias. E são exatamente essas mentes abertas que se gostaria de encontrar em sala de aula, ou em tentativas de se provocar que elas possam vir a baila nas discussões ambientais.

³⁹ Vide mais informações em <http://www.inmetro.gov.br/qualidade/docOrientativo.asp>

9. O CUIDADO AMBIENTAL E A ATUAÇÃO DOCENTE

“Lançamos nossas sementes, sem saber se darão origem a flores ou a monstros, ou mesmo a coisa alguma...”

(GALLO, 2008, p. 84)

E diante dessa situação do ambiente em que se vive, o homem, o caos, a natureza. Se é docente em uma universidade em que as questões ambientais estão intimamente relacionadas com os conteúdos teóricos. Em outras palavras, os efeitos da relação humana com os recursos naturais, a ideia de cuidado ambiental propagada pelo senso comum através de perspectivas simplistas e superficiais, dentre outros aspectos apontados até então, podem ser facilmente verificados na atuação docente.

Apesar de se acreditar que a questão ambiental possa ser trabalhada ou explanada em inúmeros tópicos trabalhados em sala de aula, independentemente do curso, a formação profissional e as disciplinas ministradas pela autora possuem um conteúdo programático, que obrigam ainda mais essas abordagens com as questões ambientais e conseqüentemente vivencia-se recorrentemente os efeitos práticos em sala de aula e suas provenientes marcas.

Conforme apontado, a transmissão de conhecimento acaba, muitas vezes, pulverizada e desconectada com os processos de subjetivação envolvidos, na atuação docente acaba sendo perceptível alguns efeitos de repassar as informações pré-concebidas, um repetir sem questionar, sem que haja estímulo ao pensamento. Observando os próprios comentários em sala de aula, inúmeras vezes alunos do curso de Direito comentam que estudam para a disciplina de Direito Ambiental pois trata-se de uma obrigação “curricular mas a área não tem

absolutamente nada a ver com eles”⁴⁰. Questiona-se, a dificuldade de enxergar que ambiente é vida? Que as leis que tratam da água, por exemplo podem garantir a disponibilidade hídrica essencial a sobrevivência? Que os debates sobre as leis que tratam das florestas podem atuar na alimentação? Que se não houverem normas para controlar padrões de emissões, ficaria muito delicada a sobrevivência em áreas urbanas? Que é de fundamental importância a entrada em vigor da Política Nacional de Resíduos Sólidos⁴¹ para tentar minimizar e quem sabe, organizar um pouco a questão problemática da quantidade de resíduos sem um gerenciamento adequado e, que além da contaminação dos recursos naturais atua diretamente na saúde e na vida de cada um? Esses dentre tantos outros exemplos que poderiam ser elencados.

Conforme já exposto, não se pretende criar a teoria, o conceito, a ideia de Cuidado Ambiental, o presente estudo paira em algo longínquo de qualquer ideal de certeza, busca alinhar ideias que estimulem o pensamento ao cuidado ambiental, um devir.⁴² É nítido que, na maioria das vezes, não se pense sobre tantas questões intrínsecas, que podem ser relacionadas no conteúdo que se leva ao estudo, com a vida, ou então, com a presença humana, (para ser bem ‘racional’ perante o senso comum) e conseqüentemente a atuação pessoal, ética e subjetiva em relação ao ambiente que cerca à todos.

⁴⁰ Esse tipo de comentário foi ouvido em diversas ocasiões por alguns alunos que acreditam que o estudo e a abordagem sobre as questões ambientais não são importantes, ou então, podem não ser úteis no curso escolhido.

⁴¹ Lei Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Publicado no DOU de 3.8.2010 Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acessado em setembro de 2014

⁴² Devir no sentido de não estar constituído, não é a causa, é o efeito, contingente, imutável, provisório, um contínuo “estar sendo” e também, estar deixando de ser, conforme preconiza Pinheiro (2006, p. 270) ou então, como Deleuze “Os devires são o mais imperceptível, são atos que só podem estar contidos em uma vida e expressos em um estilo. Os estilos, e tampouco os modos de vida, não são construções.” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 11)

Larrosa (2002, p. 21) debate sobre a desconexão com o entorno, ao expor que nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Experiência no sentido de sentir, de pensar no *eu*, e o que se passa no visível. Longe do repassar de teorias, de conceitos, onde as palavras são meras sonorizações sem haver uma interrogação da possível força que possam conter. Experiência no vivenciar, no sentir, em permitir que haja frestas e arestas para arejar ideias distantes do que já está sendo dado de antemão, pronto e disposto ao consumo imediato. Informação fria. Desconectada. Distante dos processos de subjetivação.

Acredita-se que essas maneiras de comportamento são provenientes do poder disciplinar que foi sendo introjetado ao longo do tempo como mecanismo de controle e sujeição; uma disciplina instalada com função de adestramento:

[...] como objeto de uma analítica do poder estruturado em torno da vigilância hierárquica, do registro, do julgamento e da classificação permanentes, perpassando os efeitos do poder, uns sobre os outros, num processo interminável de controle sobre a própria produção de controle. (MENEZES *in* VEIGA-NETO. 2011, p.29)

Em relação à educação, ao estudo, aos alunos, recorda-se que num passado nem tão longínquo, as pesquisas em bibliotecas, enciclopédias manuseadas ao longo de gerações era a maneira mais apropriada de se obter informações. Atualmente, com a tecnologia⁴³, dispõe-se de um simples “*click*” para fazer pesquisas em diferentes locais, países, universidades mais renomadas do planeta. São bancos de dados à disposição de quem quer que seja. E o que se faz com tanta informação? Os alunos com uma bela biblioteca repleta de livros, a disposição e o

⁴³ Aqui se faz uma ressalva, que apesar das facilidades que os aparatos tecnológicos possam proporcionar, não se defende que são melhores ou mais interessantes que os antigos métodos de pesquisas. Inclusive Guattari (2000, p. 8-9) demonstra essa preocupação das relações com a tecnologia, com a informática, com as forças produtivas, onde presencia-se um crescimento de um trabalho maquínico, mas não se questiona o que esse crescimento pode acabar gerando. Desemprego, ociosidade, solidão, ou um crescimento da cultura, da pesquisa, da sensibilidade? O autor (*idem*) alerta que são blocos inteiros da subjetividade coletiva que podem estar se afundando ou se encarquilhando.

que querem? Resumos, esquemas, questionários com perguntas e respostas prontas, enquanto os livros permanecerem ali, sem ninguém para abri-los; ninguém para senti-los; ninguém para descobrir o que estes livros podem vir a manifestar em cada pensamento que desenham; sem isso, pouco, talvez adiante; sem isso, o estudo parece tornar-se algo superficial, descomprometido em meio a um repassar de informações.⁴⁴

Nessas indagações busca-se apoio em Guattari (1992, p. 13) que questiona sobre esse desenvolvimento tecnológico, que desagua num paradoxo lancinante, que ao mesmo tempo que há desenvolvimento de novas ferramentas, de novos meios técnicos-científicos, que poderiam servir como aliados, presencia-se uma incapacidade das formações subjetivas de se apropriar desses meios e torna-los operativos.

Nesse panorama que reside parte do desassossego, principalmente na prática docente, o efeito desse comportamento científico e adestrado é notável em sala de aula, os alunos esperando, aguardando do professor as respostas prontas, verdades absolutas. Muitas vezes nota-se estranhamento quando se questiona e se tenta estimular o ato de pensar sobre determinados assuntos tratados em aula.

As opiniões na maioria das vezes chegam prontas, pré-fixadas, principalmente pelos meios de comunicação, a *doxa*⁴⁵, acaba sendo uma notável decorrência da superficialidade vagando por entre os corredores e salas de aula das instituições de ensino.

⁴⁴ Nesse sentido, exemplifico que já me foi solicitado por alguns alunos do oitavo semestre que lhes fosse disponibilizado um questionário pronto, com perguntas e respostas para que fosse decorado para uma das avaliações.

⁴⁵ “ Deleuze e Guattari afirmam que vivemos sob o império da opinião. Assim como na época de Platão os gregos eram dominados pela *doxa*, pelas aparências sensíveis (...) também nós, dominados pelas mídias e pela literatura *Best-seller*, estamos condenados às opiniões e às fáceis certezas daqueles que “tudo sabem”. A opinião luta contra o caos que é a multiplicidade de possibilidades; incapaz de viver com o caos, sentindo-se tragada por ele, a opinião tende a vencer o caos, fugindo dele, impondo-se o “pensamento único”(GALLO.,2008, p.49)

Esse comportamento começou a ficar mais nítido quando foram feitas tentativas de levar para discussão em aula alguns assuntos mais controversos dentro da disciplina de Direito Ambiental. Para ilustrar peço a compreensão a quem lê essa escrita para citar um breve exemplo real que pode vir a compor com essa inquietação.

Dentre os tópicos analisados na disciplina, as alterações ao Código Florestal Brasileiro, acredita-se que sejam imprescindíveis para alunos que estão estudando as leis ambientais, visto tratar-se de um tema importante não apenas como conteúdo teórico, mas, também, como possível fundamento para atuação profissional futura de alguns deles.

O Código Florestal Brasileiro foi fruto de inúmeras discussões técnicas, científicas e ideológicas, principalmente ao longo dos anos de 2010 e 2011. Os debates sobre a nova lei prestes a entrar em vigor, tomaram conta dos principais meios de comunicação. Até então, imaginava-se que os alunos que dispunham de maior interesse pelas leis que regulamentam algumas questões ambientais, ou então, àqueles que já trabalhassem com temas que poderiam vir a sofrer alterações mais significativas em decorrência da modificação de algumas regras, fossem demonstrar maior empenho em mergulhar no assunto para tentar entender as discussões dentre diferentes segmentos que debatiam. Porém, o que foi verificado de uma maneira geral em algumas tentativas de debates em sala de aula, era alunos trazendo informações prontas sobre o Novo Código, reduzindo tantos debates a dicotomia do “bom ou ruim”, informações essas provenientes das notícias dos principais meios de comunicação, sem uma análise, sem interação com o texto do código, uma leitura atenta dos artigos que poderiam sofrer alterações.

Tentando trazer um pouco do efeito desses comportamentos, em um primeiro momento, foi causada grande perturbação pessoal, inclusive com inúmeros questionamentos sobre a origem dos erros nas tentativas de se tentar conduzir

esses debates. Seria efetivamente tão complicado analisar um conteúdo sem levar em consideração apenas o que “saiu no jornal”?

A escola, na maioria das vezes, como não estimula a pensar pode estar ocasionando na complexa experiência ora trabalhada. Pois bem, após muita indagação, leitura e diálogo com colegas, pode-se dizer que atualmente a percepção que se tem, é que esse comportamento verificado em algumas turmas de graduação, como no exemplo citado, apenas demonstram um pouco dos modelos pré estabelecidos, onde a mera transmissão de conhecimentos acaba moldando alunos que já esperam algo de antemão.

Talvez, o comportamento possa trazer resquícios do que Foucault elucida que na essência dos sistemas disciplinares, incluindo-se aí a escola, funciona como um pequeno mecanismo penal, com apreciações, julgamentos, com normas comportamentais em relação aos indivíduos, e essas tentativas de normalizar, com técnicas de apoderamento dos indivíduos como objetos e instrumentos de poder, acabam por fabricar indivíduos, fazendo com que sejam fixados no aparelho de produção e controle da existência de cada um (FOUCAULT, 2004, p. 209)

Nesse sentido, salienta-se que somente foi possível perceber esse incômodo mais distante do professor em si, pela prática em sala de aula, porém ainda pairava o questionamento de como expressar e tentar entender esse desassossego provocado? Como tentar aproveitar essa força que rompeu com a inércia? Foi preciso que linhas de fuga⁴⁶ atravessassem essa prática e dali em diante começasse a buscar fundamentação teórica para tentar entender o que acontecia com as marcas produzidas.

⁴⁶ “A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões.” (DELEUZE, G.; GUATTARI F., 2007 p. 16)

Com essas inquietações, recorda-se Bauman (2005, p. 23) que diz que tende-se a perceber as coisas ou então colocá-las no foco do olhar, quando as coisas se desvanecem, decepcionam, fracassam ou quando seus efeitos ocorrem estranhamente.

Com isso, as leituras de alguns autores da filosofia da diferença começaram a respaldar muitas dessas indagações, porém, na medida que as leituras começam a sair das páginas de tantos livros, cada vez mais manuseados, trazem consigo ainda mais inquietações. E os processos de subjetivação acontecendo.

Foi necessário que transcorresse determinado lapso temporal para que se pudesse entender que o que estava acontecendo era efeito dos processos de subjetivação e de subjetividades adquiridas ao longo da trajetória e, que por efeito, estavam interferindo na prática docente. Não foi e não é uma tarefa fácil. Os processos de subjetivação muitas vezes são dolorosos, física e psiquicamente. A subjetividade não está centralizada em si, é um processo, não se fecha, “subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” e os processos de subjetivação por sua vez, envolvem o tipo de existência escolhida, envolvendo a política, a estética, e o desejo, sendo baseadas em invenções, e não meras reproduções. (MANSANO, 2009, p.114)

E estes processos nunca terminarão, estão agora neste momento acontecendo para alguém, alguns e quem sabe aqui?

E nesse estudo, assim como em outros, faz-se menção ao rizoma, que conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, que não tem começo, não tem fim mas sim um meio que cresce e transborda (DELEUZE e GUATTARI, 2007 p. 31).

À medida que se move para o horizonte.../ Novos horizontes vão surgindo... / Um processo infinito... / Ao invés disso desanimar... / É justamente isso que coloca-nos à caminho! (VEIGA-NETO, 2011, p. 26)

E nesse meio que cresce e transborda o trabalho vive. Vive pois não se tem a pretensão de achar uma resposta, uma solução para essas inquietações, um fim.

A proposta do trabalho é pinçar alguns pontos e compor com esses meios que inquietam quem vos escreve.

10. LEITURAS E A POSSIBILIDADE DE PENSAR COM UMA ESCRITA

“Escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata.”

(DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 19)

Embora o presente trabalho esteja sendo pensado⁴⁷ como um emaranhado de fios, que se unem, soltam-se, amarram-se e soltam-se outra vez. Percebe-se que pode-se considerar um privilégio a possibilidade de trazer uma experiência pessoal, desfrutar e usufruir de leituras que possibilitam pensar a atuação e ainda assim desenvolver uma pesquisa em um mestrado profissional.

Alguns colegas já questionaram se não seria mais fácil fazer um trabalho que não mexesse tanto com a subjetividade. Intervir, pensar, questionar, incomoda mais do que acomoda, desestabiliza mais do que apazigua, essas marcas sendo trazidas e pensadas, a atuação profissional, a pesquisa e o estudo não são promessas de certezas, de respostas, de conclusões ou de soluções (SANT'ANNA *in* VEIGANETO, 2011, p. 87). Até poderia ser mais fácil porém quando a possibilidade de questionar, interrogar, intervir é proporcionada, crê-se fundamental aproveitá-la, e para tanto, destaca-se um exemplo de Rolnik (1993, p. 7) reforçando esse entendimento, para que se não fique como zumbis zanzando no exercício *clean* de um quebra cabeças de charadas lógicas. Não se quer charadas lógicas, não se

⁴⁷ “Esteja sendo feito” pois acredita-se que o trabalho não esteja pronto, pronto no sentido de finalizado, encerrado. Um trabalho pode ser vivo e estar sempre em movimento, a cada leitura, releitura pode conduzir à pensamentos, indagações, trazendo novos olhares e lembranças sobre a escrita. Justificando-se assim, a proposital não colocação de uma finalização do que o trabalho propõe.

pretende levantar inúmeras perguntas, questionamentos e discussões já sabendo-se as respostas. Se não é promessa nem solução, não seria mais pertinente pensar menos?

O que se pode alegar, percorre as entrelinhas, na respiração e pensamento do ser que tenta produzir alguma diferença, na maneira de se pensar o cuidado ambiental, e além, busca-se meios de utilizar essa enunciação do professor nesse polo de indução de forças para que se estimule o pensamento e a indagação sobre esse cuidado? Utilizando as marcas, o corpo, os sentidos, o olhar, a voz, a entonação, envolvendo o que está visível e o invisível, são muitos agenciamentos.

Fala-se para os outros, para se tentar ser compreendidos (GIL, 1997, p. 151), mas o que fica, o que toca, o que causa em cada um, não se sabe, mas questiona-se sobre a melhor maneira de se tentar chegar ao menos em algum tipo de pensamento sobre o que se é, sobre como se chega ao que se é. Trazendo Lawrence⁴⁸ novamente: como estimular e mostrar que é possível abrir muitos buracos em cada guarda-chuva e não se contentar com representações da realidade muitas vezes impostas e formatadas?

Muitas vezes não enxerga-se a coisa e sim a linguagem construída da coisa, imagem traduzida e, os tradutores nem sempre são confiáveis. Mesmo que se saiba que a própria sociedade, reconduz a um padrão de tentar moldar, que a generalização universal funciona como marca de um conjunto identitário, que pode ser afetado por enunciados ou um código que afeta a todo um coletivo, isso funciona para o aparelho de estado como estratégia de sujeição; desprezando-se a singularidade criativa de cada um e optando por uma generalização do comum a todos.

⁴⁸ LAWRENCE, D. H. *Selected critical writings*. Oxford, UK: Oxford University (texto disponibilizado pela Prof. Dra Roselaine Albernaz, no seminário Práticas de Si e outras Artes no 1º semestre de 2013)

Em relação aos enunciados, Foucault (2008, p. 37) ressalta que os diferentes enunciados, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto; os enunciados pertencentes a determinado assunto referem-se a esse objeto que se perfila, de diferentes maneiras, na experiência individual ou social. Assim, o autor complementa, que analisar uma unidade, não permite individualizar um conjunto de enunciados e estabelecer entre eles uma relação ao mesmo tempo descritível e constante:

De modo paradoxal, definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles - em outras palavras, formular sua lei de repartição. (FOUCAULT, 2008, p. 37)

E, desta maneira, os enunciados que se relacionam ao cuidado ambiental não podem ser definidos com visões simplistas, assim como as visões difundidas no senso comum. Mas, se sabe que sair do que já está naturalizado, desconectar-se com a realidade não é fácil, mesmo que se compreenda que se deve pensar e intervir, já há o costume de agir de acordo com esquemas e representações; a má-consciência já orienta, muitas vezes, sobre como deve-se agir, diz o que se deve pensar e opinar, o que mata o feto do pensamento. Nisso estão desejos intimamente obrigados a ficar contidos e reprimidos.

Atreve-se a dizer que um indivíduo, numa visão mais cuidadosa, é um coletivo em princípio, porém seu estado individual já foi preenchido de antemão por um coletivo de pensamentos. As intensidades que podem vir a ser estão sujeitas aos aparelhos de captura de má-consciência, de uma moral que foi introjetada ao longo da existência, sem permissão para cruzar a fronteira; as vezes fica-se em um ir e vir dentro da própria consciência e os desejos produzindo marcas. Marcas de tudo aquilo que foi ressentido e não conseguiu transpor o desejo.

Talvez essa seja uma das maiores questões da contemporaneidade, não é a igualdade é a diferença, a má consciência que não permite que se saia de si mesmo. Assim, não se produz diferença. Somente há diferença quando se consegue transpor essa camada moral que circula o pensamento de cada um. Delimitando e policiando as fronteiras que não podem ser ultrapassadas, que produzem o dogma do que cada um deve ser. É a inscrição no corpo da moralidade vigente. Os processos éticos estão sujeitos ao confinamento dos processos morais. O desejo produz o que quer! A moral o que deve! (a má consciência) E a ética vai produzir o que pode!⁴⁹

Porém um pequeno detalhe que pode ser pinçado desse panorama, quando se reflete sobre isso... Aí é que pode estar acontecendo um pouquinho da diferença!

E nesse pensar com; o cuidado ambiental; as ideias prontas e distribuídas de antemão destaca-se uma obra que despertou notável atenção, *As Três Ecologias* de Félix Guattari. Em sua última etapa de atividade política, o autor trouxe uma contribuição ao tratar sobre a Ecologia, militando principalmente em uma das características mais difundidas ao tratar-se da questão ambiental, um mero ambientalismo, apolítico, tratado de uma maneira puramente simplista. (MARTINEZ, 2008, p. 164). Segundo Guattari:

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiteraões estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torna-lo “habitável” por um projeto humano. É essa abertura práxica que constitui a essência dessa arte da “eco” subsumindo todas as maneiras de domesticar os territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente (GUATTARI, 2000, p. 37-38)

Em sua obra explana diretamente sobre a Ecosofia, onde estão inseridas as três ecologias: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, não considerando a dimensão do meio ambiente como sinônimo de natureza coloca-as

⁴⁹ Esse parágrafo, assim como o anterior foram originados a partir de notas do Grupo de Pesquisa GEISSO em 14 de abril de 2014.

de maneira articulada à qualidade das relações sociais, bem como a qualidade da subjetividade humana, construídas a partir das relações do ser humano consigo mesmo, dos seres entre si, com o ambiente planetário do qual são parte (PINTO, 2009).

Guattari trabalha a ideia que não se pode tratar destas perspectivas isoladamente. O autor defende que o que está em curso é a forma de se viver sobre o planeta, e faz com que se pense a respeito dos dias atuais perante a deterioração que os humanos vem causando ao ecossistema e a si mesmo.

Esse belo conceito, vem como um acalanto diante de tantas inquietações; um conceito que aborda de uma maneira tão objetiva e tão potente pontos intimamente relacionados com a atuação e as pesquisas realizadas até então.

Até mesmo sobre o distanciamento homem e ambiente, onde esses posicionamentos teóricos de separação produz em efeitos práticos e éticos, vindo a reforçar a crença de que o mundo é um objeto a ser explorado pelo homem em busca de benefícios; convicção baseada na mentalidade extrativista dominante ainda hoje Maturana e Varela ainda complementam que:

a ideia de extrair recursos de um mundo-coisa, descartando em massa os subprodutos do processo, estendeu-se às pessoas que assim passaram a ser utilizadas e, quando se revelam “inúteis” são também descartadas (MATURANA; VARELA,. 2011, p. 12).

Corroborando com a Ecosofia de Guattari que reforça o entendimento que não consegue-se pensar o ambiente isoladamente, sem as questões humanas e subjetivas envolvidas (ibidem, p. 8).

E, nesse sentido, Loureiro (2006, p. 14) observa que pensar a problemática ambiental sem que haja uma articulação com contexto social, histórico cultural, político, ideológico e econômico, resulta em uma visão de mundo dualista, que dissocia as dimensões social e natural, dessa maneira, a preocupação com a proteção ambiental sobressai como algo hierarquicamente prioritário em relação

aos aspectos humanos e sociais envolvidos, em vez de serem percebidos como intrinsecamente vinculados.

Ressalta-se novamente, que não se busca desenvolver conceitos teorias, mas sim se estar aberto para os desafios do novo, acreditando que “pode haver algo de novo debaixo do sol, algo que não é uma representação exata do que ali estava”⁵⁰ (VEIGA-NETO, 2011, p. 12), pode haver novas maneiras de vislumbrar o que aí está, saindo da representação, fugindo do que foi dado de antemão.

Guattari (2000, p. 8-9) orienta que não se pode analisar a questão ambiental, sem que a social seja levada em consideração, e vai além, que deve concernir, não apenas às relações que se passam no visível, que muitas vezes se apresentam em larga escala, mas deve reportar-se ao desejo, a sensibilidade, ao que se passa no invisível. Nesse aspecto, cita-se Villela (2002) que ao abordar sobre os modelos pré estabelecidos de comportamento também aborda a fragmentação das famílias, cada vez mais dispersas, mais nucleares, os indivíduos despregados daquela célula familiar, ocasionando a gangrenação, fruto do consumo, da mídia, dos meios de comunicação.

Sobre as próprias relações de amizade, se tem cada vez mais “amigos virtuais” ao mesmo tempo que as relações humanas se distanciam e perdem o vínculo real da convivência, a frieza de salas de bate papo tomaram o lugar das salas de visita, muitas vezes convertidas em salas adornadas com aparatos de última geração, onde cada vez mais troca-se as palavras, os gestos, o afeto é trocado pela mídia, pela gélida tecnologia que envolve as relações humanas.

Esse panorama, essa maneira de se vislumbrar a atualidade causa incômodo, perturbação. E essas forças potencializam ainda mais a escrita. As vezes mexer em ideias pré estabelecidas causam uma torção na maneira de retornar sobre o

50 Veiga-Neto cita Rorty na obra sobre Foucault e a Educação, embora o trecho tenha sido citado em função das obras de Foucault, crê-se interessante entrelaçá-lo também com a presente escrita, obviamente com o devido respeito a obra original.

que há. Para mentes condicionadas e moldadas, não é nada fácil sair da zona de conforto, e da passividade de receber informações pré-definidas e provenientes de um mundo pronto e acabado – tal como um produto recém saído de uma linha de montagem industrial e oferecido ao consumo, lidar com a má consciência e ainda assim, a aceitar que os desejos saiam do invisível (MATURANA e VARELA, 2011, p. 11).

Na análise social de Guattari é impossível pensar sobre ecologia, sobre ambiente sem pensar nas relações sociais e complementando, sem elucubrar sobre os mecanismos que estimulam o consumo, a persuasão dos meios de comunicação e de manipulação da grande massa, ditando as regras silenciosamente.

A abordagem ao consumo se insere com muita fluidez por entre as arestas que o trabalho tenta oxigenar, para tanto destaca-se trecho de Bauman (2005, p. 73) que trata do consumo, como algo que não pode ser tratado ou trabalhado longe do que se chama de educação:

A **educação de um consumidor** não é uma ação solitária ou uma realização definitiva. Começa cedo, mas dura o resto da vida. O desenvolvimento das habilidades de consumidor talvez seja o único exemplo bem sucedido da tal “educação continuada” que teóricos da educação e aqueles que a utilizam na prática defendem atualmente. As instituições responsáveis pela “educação vitalícia do consumidor” são incontáveis e ubíquas – a começar pelo fluxo diário de **comerciais na TV**, nos jornais, cartazes outdoors, passando pelas pilhas lustrosas de **revistas** “temáticas” que competem para divulgar os estilos de vida das celebridades que **lançam tendências**, os grandes mestres das artes consumistas, até chegar aos vociferantes especialistas/conselheiros que oferecem as mais modernas receitas, respaldadas por meticulosas **pesquisas** e testadas em laboratório, com o **propósito de identificar e resolver os “problemas da vida”** (Bauman, 2005, p. 73, grifo nosso)

Sobre a interligação da educação e a Ecosofia, Warat (1992) pensa que a Ecosofia pode trabalhar essa questão engessada da ilusão da certeza na prática educacional, e expõe que a Ecosofia é como um antídoto contra o desencanto da certeza absoluta, e a ideia de Guattari demonstra essa necessidade de um

homem novo: o homem sem certezas diante de seu próprio limite e de suas próprias possibilidades.

Esse homem pensante, que pensa por si, é o aluno que muitas vezes não se enxerga em sala de aula, sem estar totalmente moldado, induzido a agir segundo um modelo pré-estabelecido de certezas absolutas, (mesmo crendo ser independente). Ainda sobre a Educação, Martinez (2007) explana que à educação, o que importa é aquela que produz auto-reflexão crítica a ponto de perceber as armadilhas da modernidade, nesse pensamento maquínico que acaba enredando quem quer que seja numa rede claustrofóbica.

A tríplice análise de Guattari (1992), pode também expor propostas de uma educação comprometida com a qualidade de vida no planeta, envolvendo a Ecologia Mental, do ser humano consigo mesmo, “buscando antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade” (ibidem, p. 16) a Ecologia Social, da vida do ser humano em suas relações sociais e Ecologia Ambiental com as relações do ser humano com os recursos naturais e a importância do trabalho em conjunto com as três práxis. Assim, a ciência, tanto ao nível do pensamento como na prática empírica, é elevada à condição de referência para uma revisão da subjetividade do ser humano, ou seja, sua relação consigo mesmo, das relações com os outros (ou da alteridade) e com o meio ambiente físico (CAMARGO, 1999).

Guattari (1992, p. 117) afirma na obra *Caosmose* que esses agenciamentos e os operadores dessa ecologia não possuem dentro nem fora, são interfaces sem limite, que secretam a interioridade e a exterioridade, são devires. E esse entrelaçamento que se pretende estimular, onde não se caia na mesmice de um ambientalismo desligado das relações sociais e da subjetividade. Ilustra-se novamente a visão do rizoma que pode ser rompido, quebrado de qualquer lugar, depois retoma de alguma linha (ou algumas), outras param, pode compreender linhas de desterritorialização onde fogem sem parar.

GUATTARI, sucintamente define:

A lógica ecosófica (...) se aparenta à do artista que pode ser levado a remanejar sua obra a partir da intrusão de um detalhe acidental, de um acontecimento-incidente que repentinamente faz bifurcar seu projeto inicial, para fazê-lo derivar longe das perspectivas anteriores mais seguras. Um provérbio pretende que 'a exceção confirme a regra' mas ela pode muito bem dobrá-la ou recriá-la (GUATTARI, 2000, p. 36)

Assim a Ecosofia pode atuar como potência de pensamento e análise do cuidado ambiental, articulando a tríplice análise Guattariana como articulações de força, socialmente (o 'eu', as relações sociais, o trato profissional), a subjetividade humana (através dos processos de subjetivação que envolve para ser o que se é) e também a relevância ambiental nesses agenciamentos.

11. ÚLTIMO ATO...DEVIR E PENSAMENTO

“Se hoje em dia o pensamento anda mal é porque, sob o nome do modernismo, há um retorno às abstrações, reencontra-se o problema das origens, tudo isso... De pronto são bloqueadas todas as análises em termos de movimentos, de vetores. É um período bem fraco de reação.”

(DELEUZE, 2010 p. 155)

Nesse percurso, encontra-se a expressão de cuidado ambiental posta como um plano já definido. São discursos do aparelho de estado, cuidadosamente trazidos e difundidos na prateleira em que todos acabam se alimentando. E reproduzindo as ideias estabelecidas que demonstram de antemão a maneira que deve-se tratar e cuidar das questões ambientais através de domínios previamente articulados.

Quando se estabelece uma dissertação de mestrado buscando puxar os fios que tecem tantas amarras, busca-se algo muito longínquo de uma nova verdade, a mera pretensão é que se estimule o simples ato de pensar, através de um movimento de resistência. Não se quer oposição. Busca-se resistir ao que está posto, ao que está estabelecido e previamente organizado através do aparelho de estado.

Não se teve a pretensão de fazer um relato da história e dali estabelecer algo novo. Até mesmo porque, segundo Deleuze (2010, p 215) até se pode considerar algo, passar ao longo dele e recolher sua efetuação na história; e outra coisa, é remontar um acontecimento, instalar-se nele como num devir e aí nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo. Sentindo os afectos e perceptos do que acontece, sendo mais específico: colhendo e sentindo as marcas provenientes de um percurso.

Ao se tratar de algum conceito, no presente estudo, sobre o cuidado ambiental, alerta-se que não existe a história do cuidado ambiental. Alerta-se que não existe a história, pois não existe a verdade sobre o cuidado ambiental. Algo com início meio e fim. Não pode e não existe a verdade absoluta. A verdade, ou então, a verdade estabelecida sobre o conceito de ambiente e seu cuidado, é muito instável, momentânea, são verdades transitórias.

Além de ser uma verdade transitória Maturana e Varela (2011, p. 22) argumentam que até mesmo biologicamente falando ter-se-á variáveis em experiências cognitivas, e essas variáveis incluem o que se conhece de um modo pessoal, fatos enraizados em cada estrutura biológica, dentre outros aspectos que acabam alertando que toda experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro, uma espécie de solidão que só é transcendida no mundo criado junto ao mundo de cada um.

A expressão de verdade difundida e propagada provém do sustentáculo de referência do que as pessoas têm. Frutos do plano de referência construído em cada percurso, porém com intensa sobrecarga dos artifícios dos mecanismos de captura da sociedade, que controla e comanda, mesmo que de forma silenciosa. Além dos aspectos subjetivos, a matriz discursiva já orienta sobre a noção que cada um tem sobre determinado assunto. Ou seja, a matriz discursiva norteadas sob o aparelho de estado representa e distribui a ideia de cuidado ambiental corrente e difundida. Para ilustrar, destacou-se ao longo do texto algumas imagens que demonstram esses comportamentos e até mesmo esses apelos em relação ao ambiente.

A verdade, a expressão, o conceito, não se tratam simplesmente de um jogo de palavras. De alguma maneira, há uma isegoria ambiental, como opinião em relação ao meio ambiente. Sobre o que é o meio ambiente. Sobre como se deve comportar em relação a essas ideias estabelecidas e superficiais do que se

enxerga como meio ambiente. E nessa conjuntura, as imagens distribuídas pela mídia tornam-se intercessores dos processos de criação, e, além disso, a partir dessas imagens (tantas imagens) acredita-se que seja possível expressar opiniões sobre inúmeros assuntos. Cada um tem uma opinião sobre isso ou aquilo:

“As vezes se age como se as pessoas não pudessem se exprimir. Mas de fato, elas não param de se exprimir. (...) O rádio e a televisão fizeram o casal transbordar, dispersaram-no por toda parte, e estamos trespassados de palavras inúteis, de uma quantidade demente de falas e imagens, a besteira nunca é muda nem cega. De modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer. **As forças repressivas não impedem as pessoas de se exprimir, ao contrário, elas as forçam a se exprimir. Suavidade por não ter nada a dizer, direito por não ter nada a dizer; pois é a condição para que se forme algo raro ou rarefeito, que merecesse um pouco a ser dito.** Do que se morre atualmente não é interferências, mas de proposições que não tem o menor interesse.” (DELEUZE, 2010, p. 166, grifo nosso)

E assim, há uma repetição, um tanto cansativa e, muitas vezes, descabida das verdades ambientais, o autor (idem) ainda salienta que atualmente o que alguém diz nunca está errado, tampouco que seja bobagem ou não tenha importância, mas o que as pessoas dizem e repetem já foi dito mil vezes!

O pensamento atual sobre cuidado ambiental está impregnado de todo um processo de isegoria, de opinião, em que todos se acham no direito de se posicionar no que se refere ao meio ambiente. Tornando-se um território de livre expressão e domínio público. Loureiro (2006, p. 42) comenta que essa pregação conjunta de todos, tratados como sujeitos atemporais e inespecíficos levam a uma simplificação da questão ambiental, que almeja soluções paliativas, imediatas, que muitas vezes, são úteis em determinadas conjunturas, mas que não passam disso.

Partindo dessas abordagens, a análise do cuidado ambiental não trata-se de história, não se aborda nem partir nem chegar, ou então, do início ao fim de determinado momento; a questão questiona o que se passa “entre”? (DELEUZE, 2010, p. 155). O que se passa por entremeio ao conceito propagado de cuidado ambiental. O autor (ibidem, p. 221) ressalta que talvez a fala e a comunicação estejam apodrecidas, e torna-se iminente a necessidade de desvios de falas, criação é algo diferente de comunicação e, talvez, o importante venha a ser criar vacúolos de não comunicação, algo como interruptores para escapar ao controle.

E quando se trata de cuidado ambiental, o questionamento não reside no ambiente como a mídia as vezes sugestiona, como algo que acontece fora e longe de cada um, se questiona o cuidado ambiental mas desde o cuidado que cada um tem consigo.

O cuidado de si é íntimo ao cuidar do ambiente que, talvez, pelo excesso discursivo esteja proporcionando uma indiferença das pessoas em relação ao ambiente, como se cada um fazendo sua parte (de acordo com as regras ditadas) cumpriu-se sua tarefa, (assim a má consciência não atua). Isso sem falar em uma escala macro que a questão ambiental tornou-se uma moeda de troca em relações políticas, mais uma evidencia que assume dimensões que excedem as questões ambientais que chegam no *self service* ⁵¹, onde se acredita estar optando ou preferindo, através da ideia de liberdade de escolha que se acredita ter.

De alguma maneira, o tratamento das questões ambientais acaba por ficar confinados ao regime da opinião. A doxa como senso comum, ou então, como um simulacro com o cuidado ambiental. E esse território, por sua vez, confinado a um determinado conjunto de controle. E, talvez, pelo excesso discursivo esteja havendo uma indiferença das pessoas em relação ao ambiente. Se tornou uma

⁵¹ Expressão em inglês, amplamente utilizada que remete ao auto serviço, onde cada um escolhe o que melhor convier.

moeda de troca em relações políticas. A questão ambiental assumiu dimensões que excedem as questões ambientais.

Deleuze (2010, p. 221) ressalta que talvez a fala e a comunicação estejam apodrecidas, o que torna iminente a necessidade de desvios de falas, pois criação é algo diferente de comunicação e, talvez, o importante venha a ser criar vacúolos de não comunicação, algo como interruptores para escapar ao controle. Vacúolos de resistência para tentar pensar fora do que está posto e quem sabe, assim intervir distante dos clichês ambientais.

Guattari (2000, p. 35) diz ser essencial que se busque organizar novas práticas sociais, micropolíticas, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas das formações do inconsciente, assim, poder-se-ia almejar que as práticas sociais e políticas trabalhem satisfatoriamente, fazendo com que a singularidade, a exceção e a raridade funcionem junto a uma ordem estatal menos pesada.

A resistência que o trabalho almeja não busca encontrar respostas, tampouco soluções ou então esquemas, a busca da resistência reside em criar novas problemáticas. Não é um guia de pensamento, é uma provocação, um convite a suspensão do hábito de cair na tentação da certeza propagada. Até mesmo que se não fosse pensado dessa maneira acabaria sendo diretamente mais um produto da matriz discursiva funcionando a serviço do próprio estado

Almeja-se pensar de uma maneira diferente, não para colocar algo no lugar, mas o desejo é resistir ao que está posto. Resistir enquanto atitude criativa, buscando uma política de resistência, não de oposição. Não para assumir ou criticar a proposição do outro, mas encontrar posições pelo que acontece no território do cuidado ambiental.

Ao fazer um retorno sobre o percurso, ao olhar para trás questiona-se o que se pode mapear através da trajetória, tenta-se pinçar o que se consegue cartografar. Aqui se faz uma ressalva, cartografar não como um método, como algo estagnado

que delimita um caminho e, sim um procedimento que visualiza os rastros de tantas questões que permeiam esses controles, esse devir ao longo do percurso.

Paira o pensamento sobre quais marcas ficam...

É um percurso, o retorno fica tentando catar algumas marcas cartográficas que ficaram nesses movimentos. Por entre o trajeto elenca-se a questão do controle e do devir... do aparelho do estado... da máquina de guerra e a busca de uma política, não de oposição, mas de resistência...

O percurso tentou abranger o território como um todo, e almeja-se sair como resistência, sem ter a intenção de ser nomeado à serviço da direita ou da esquerda⁵² (ao menos pela política do senso comum).

⁵² Apoiando-se em Deleuze (2010, p. 163) que comenta sobre esquerda e direita, atreve-se a fazer uma analogia, caso pudesse delimitar o que o estado representa em uma visão mais simplista, o estado de direita como trabalho está a esquerda na produção de resistência. Assim como a máquina de guerra está a esquerda do estado pois está fora do estado

12. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapam ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzido (...). É o nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.”

(DELEUZE, 2010, p. 222)

A cada leitura para o presente trabalho, a cada passo dado, ao invés de encontrar um terreno mais sólido para pisar, encontra-se mais desassossego e mais inquietações. Se sente mais vontade e até mesmo uma compulsividade de ler. Incide um processo, onde parece que tudo sai do lugar, mesmo que não se consiga escrever uma linha sequer.

As ideias previamente estabelecidas se desfizeram, ou então, através das marcas do percurso se refizeram, enquanto outras nasceram e algumas ainda brotam. Os questionamentos afloram e a sensação de saciedade dá lugar a uma fome que não se sabe bem de quê. Assim, algo se cria. Pelo menos, de algum modo, isso se faz perceber em cada tecla, em cada palavra que, demorada e sedutoramente se procura a face.

Movimentos de fuga, de retorno da escrita e do pensamento, não necessariamente em qualquer ordem. Pretensão inicial de criar um projeto. Projetar um plano muito a ser descoberto, para depois poder se ter a possibilidade de retornar e, através dos encontros, das marcas, perceptos e afectos tentar preencher um projeto que é tratado como um percurso. Ele é tratado pois existe

vida aqui. Não é um caminho em que se tenha buscado a maneira mais branda de se buscar chegar ao fim. O percurso foi sendo afetado pelas marcas e as marcas foram guiando os rastros deixados. Sendo assim, o projeto ganhou um retorno sobre si, e através das marcas foram sendo proporcionadas possibilidades de pensar sobre o cuidado ambiental.

Através da bagagem obtida, dos atravessamentos, das rupturas de algumas ideias até então concebidas é que as linhas seguiram na tessitura de uma organização de pensamento, e assim, o trabalho foi formando seu percurso. A pretensão da escrita pairava em algo muito longínquo de um caminho certo e pré-definido. Pois trata-se de um percurso sujeito às marcas e aos encontros que foram influenciando e potencializando as ideias e os pensamentos e como efeito; a pesquisa e o pesquisador.

Convém destacar que quando se trata de aparelho de estado, de captura, de domínio, quando se tenta sair do que já está posto e busca-se pensamentos distantes daqueles que já estão dados, não quer dizer que se está tentando produzir uma nova verdade. Ou então, ao propor uma dissertação que tenta fugir das ideias simplistas e desconectadas, muitas vezes propagadas sem o mínimo de análise ou questionamento (fora do que o aparelho de estado produz). Tampouco se queira dizer que se busque achar uma solução para resolver a problemática em torno do que está posto sobre cuidado ambiental. O que se busca é um movimento de resistência. Não é oposição. Não é esquerda nem direita. Não se trata de ideias opostas. Tampouco de certo e do errado.

É uma busca de pensar fora, de movimentar os fios que ficaram soltos das discussões programadas e previamente resolvidas, algo muito distante de guias, roteiros ou de manuais sobre ser ambientalmente correto. A pretensão reside principalmente na tentativa de resistir tecendo novas problemáticas. É um tentame de pensar no limite do pensamento. Sem ter verdades absolutas assombrando. Sem a proposta de colocar algo no lugar. Se fizer algum mínimo movimento de resistência e de pensamento atingiu o que se destina. Pensar... Fácil? Nem tanto.

Pensar fora do que está dado não é tranquilo. Não é sereno. Mas é potente e motivador.

Relembra-se que não existe uma verdade, o que se verifica são perspectivas momentâneas e transitórias. São ideias moldadas pelas matrizes discursivas que disponibilizam a noção que se tem das coisas, a ideia que se tem sobre o cuidado ambiental através de perspectivas ideológicas, representação e a repetição do discurso que acaba configurando o senso comum.

Passa-se pela atitude que se tem com o ambiente, buscando abranger (no sentido de fazer pensar) o território como um todo. A pesquisa muito se surpreende com a repetição de discursos. E a produção de resultados na repetição de discursos relacionados à questão ambiental, já está saturada. Há muita representação. A pesquisa/pesquisador se surpreende.

E flutua o questionamento, será que é apenas com o cuidado ambiental que essas amarras de captura são encontradas? Ou o aparelho de estado se utiliza desses mecanismos para outros meios?

O trabalho não propõe criticar ou apontar erros e acertos. Mesmo porque, com este procedimento, adentrar-se-ia em uma dicotomia e um dualismo que, de antemão, pode-se declarar que não se deseja encontrar. Até mesmo por acreditar-se que não existe acontecimento, fenômeno, palavra ou pensamento cujo sentido não seja múltiplo (DELEUZE, 1976, p. 3).

A dissertação busca uma condição de pensamento, quem sabe, envolvendo uma possibilidade de se poder pensar com a prática profissional, com o plano de referência, e com os processos de subjetivação envolvidos na pesquisa-pesquisador. Verificando os rastros proporcionados pelas experiências, que muitas vezes estão tão impregnadas e, de algum modo contornam a estética das condições de possibilidades. Algo, que não se apoia sobre o discurso propagado, e não utiliza do subterfúgio da velha história do “isso sempre foi assim”; algo que

dilata o limite, na expectativa de experimentar mais um pouco. De pensar⁵³ com novas arestas, com novos fôlegos proporcionados por entre a pesquisa-pesquisador. Transcorre. Decorre.

Nada diferente, de quem dilata e modifica sua matriz de saber; a partir do instante que sabe-se diferente, olha-se diferente e conseqüentemente nomeia-se diferente! Recorrendo a Foucault (1996, p. 26): “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento do seu retorno”. Um retorno que cresce, transborda e potencializa seguir sentindo os afectos e perceptos provocados, os descobertos, os escondidos.

As indagações da pesquisa, como provém de uma prática docente, necessitaram em muitos momentos de ar, de fôlego, de relaxamento. Simultaneamente, havia uma iminente necessidade de afogar, de experimentar o cansaço e o esgotamento; de degustar e se contorcer com a sensação de tensionamento e de ruptura. Acredita-se que não há como descobrir, senão ao experimentar; viver a sensação e as ressonâncias de cada encontro.

Para quem conseguiu acompanhar até aqui, o que, de maneira alguma se desejaria ser um dever, agradece-se. Um agradecimento, talvez, pela paciência e a possibilidade de dividir tantos anseios, desassossegos, análises e um pouco dos frutos de leituras tão potentes e inquietantes que auxiliam a fundamentar e tentar pensar o cuidado ambiental por entre um cotidiano antropocêntrico.

⁵³ No decorrer do trabalho, quando cita-se pensar recorda-se de Guattari (2000, p. 17) que esclarece que não basta apenas pensar para ser, como proclamava Descartes, pois inúmeras maneiras de existir estão fora da consciência “o pensamento se obstina em aprender a si mesmo e se põe a girar como um pião enlouquecido, sem enganchar em nada dos Territórios reais da resistência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes”.

Para ir desacelerando, pois de algum modo, neste momento e neste lugar, faz-se necessário um ponto de saída. Neste momento, paira no ar um pequeno trecho de Bach (1988):

A maior parte das gaivotas não se preocupa em aprender mais do que os simples fatos do vôo — como ir da costa à comida e voltar. Para a maioria, o importante não é voar, mas comer. Para esta gaivota, contudo, o importante não era comer, mas voar. Antes de tudo o mais.
(BACH, 1988, p.2)

Assim como as gaivotas voam para se alimentar e para simplesmente voar, a dissertação proposta não deseja ter a mera finalidade de ficar pronta, de ter sua versão final entregue. Deseja, sim, permitir-se produzir alguns voos, rasantes verticais, horizontais performáticos, desvios parabólicos e quem sabe o que mais. Deseja poder perceber como as coisas acontecem, como se tornam o que são, e como foram se tornando o que são. E, assim como as gaivotas, busca-se poder desafiar o pensamento a decolar, a voar, a voltar e viver, a acontecer.

E, ponto! Afinal, falta um ponto. E, se ele se tem como a necessidade premente, que assim seja. E, o texto, e a pesquisa despedem-se por ora, em um até breve, talvez quando esse movimento possa passar a se enredar em outros movimentos, em outros olhares sobre si. Uma coisa, talvez se possa dizer que fica: um desejo, não se sabe bem de quê, mas se deseja que venha a superfície e diga do que tiver que dizer, doa a que doer.

Fazendo-se uma analogia ou talvez uma alegoria, a presente escrita, produz-se, apenas como uma pontinha de um grande iceberg, ponta esta, que nesse momento é a possível para emergir à superfície de um compartilhável. Ainda encontra-se submerso entre as leituras, as anotações e as rasuras, muitas questões que quem sabe em algum momento possam ser elencadas, talvez aguardando que outras vozes lhe soprem um vento de alguns caminhos que não se pode aqui perceber. Referências, inferências e divergências.

Quer-se um movimento. Um movimento sobre o território rizomático que se formou por vários atravessamentos, desejanste de novas conexões e quem sabe, que leve o texto para além do que ele conseguiu produzir. Não se deseja a chegada de um caminho, até mesmo que chegada pressupõe um fim... Nesse instante, há uma pausa no percurso, é o momento de reduzir a velocidade da máquina de pesquisa de um cuidado ambiental, é a ficção de um viver e não a história de uma vida!

Fica a vontade de seguir tecendo tantos fios, e, a busca de mais alguns. A vontade de cuidar mais do que se faz, mais bem cuidar de si, para quem sabe, mais bem cuidar do ambiente. Não se almeja um movimento majoritário, é minoritário. Ao contrário da representação que abarca num discurso majoritário e totalitário do estado.

Ficam questões, (que bom, pois se ficassem respostas o trabalho perderia toda motivação e fundamentação). A busca é que essa chegada do percurso seja de resistência, sem ser uma nomeação à serviço da direita ou da esquerda, ao menos pela política do senso comum.

Busca ser um intercessor enquanto uma prática de cuidado ambiental, não se propõe uma revolução de cuidado ambiental. Almeja-se que o ato ambiental seja uma atitude afetiva que compõe o indivíduo e não simplesmente uma questão de boas maneiras. Busca-se, ainda, discursos e pensamentos distantes da hegemonia propagada, em outras palavras, tentativas para simples exercícios de perda de ingenuidade, tentando criar uma perspectiva de exterioridade desses discursos feitos.

E como um suspiro final, pelo menos neste espaço-tempo possível de relação...talvez, seja melhor um até breve... isso não se sabe e, quiçá não seja um dever ter que saber... então, afirma-se um ponto em direção a uma linha de saída... qualquer... e... e... e...

... fica o desejo de que cada um tenha para si condições de possibilidades de produzir algo, ou pensar algo... uma condição de produzir algo de maneiras distantes de um manual de boas maneiras ambiental, e, que essa busca, que essas ideias e modos de produzir uma relação com o cuidado ambiental possam vir a ser indissociáveis do que cada um se torna, do que cada um pode vir a se tornar.

13.REFERÊNCIAS

BACH, R. **A história de Fernão Capelo Gaivota**. Tradução de Antônio Ramos Rosa e Madalena Rosález. São Paulo: Círculo do Livro S.A.1988. Disponível no site http://www.consciesp.com.br/pla_2arquivos/capelogaivota.pdf

BARES, Mauricio. **Posthumano. La vida despues Del hombre**. Oxaca (México) Almadia. 2007

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt . **Modernidade Líquida**. Editora: Zahar , 2001

BRASIL, Lei Federal nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003 **Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências**. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.831.htm.

_____, Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. **Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências**. Publicado no DOU de 3.8.2010 Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm

_____, Decreto Federal nº 4.680 de 24 de abril de 2003. **Regulamenta o direito à informação, assegurado pela Lei no 8.078, de 11 de setembro de 1990, quanto aos alimentos e ingredientes alimentares destinados ao consumo humano ou animal que contenham ou sejam produzidos a partir de organismos geneticamente modificados, sem prejuízo do cumprimento das demais normas aplicáveis**. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4680.htm

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **Perspectivas e resultados de pesquisa em Educação Ambiental**. Coleção Estudos Acadêmicos. São Paulo /SP. Editora Arte e ciências. 1999

COSTA, Marisa Vorraber (organizadora): **Texto Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação** – 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

DE ARAUJO; Róger Albernaz; BARREIRO, Cristhianny Bento. Realidades e ficções da educação ambiental: nuances de um espaço discursivo da contemporaneidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v.26, p.338-351, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed 34, 2010.

_____, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

_____, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo. Editora Perspectiva, 2007.

_____, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Editora Rio – RJ. 1976

DELEUZE, Gilles, GUATTARI F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1
São Paulo. Editora 34. 2007

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4
São Paulo. Editora 34. 1997a

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5
São Paulo. Editora 34. 1997b

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo. Escuta. 1998

FARIAS, Jairo Luiz Caetano. **Os princípios básicos da educação ambiental na lei – PNEA 9.795/99 e o ensino técnico profissionalizante de nível médio no if – sul-rio-grandense campus pelotas: aproximações e distanciamentos**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Católica de Pelotas em 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996

_____, Michel. **A arqueologia do saber**. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro. 2008

_____, Michel. **Governo de si e dos outros**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2010

_____, Michel. **Microfísica do Poder**. Edições Graal, 2000.

_____, Michel. **O cuidado de si**. Edições Graal, 2005.

_____, Michel. **Vigiar e Punir**. EDITORA VOZES. Petrópolis 2004

FORTUNATO, Ivan, CATUNDA, Marta Bastos. **As três ecologias da sala de aula**. Disponível no site <http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/>
Acessado em 12 de novembro de 2012.

GALLO Sílvio. Deleuze e a Educação. 2 ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica 2008
GODOY, ANA PAULA. **Urgência Ecosófica segundo uma visão**

“**Guattariana**”. Disponível no site [www. www.cce.ufsc.br](http://www.cce.ufsc.br). Acessado em 20 de novembro de 2012.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas/SP. Editora Papyrus, 2000.

_____. Felix. **Caosmose – Um novo paradigma estético**. São Paulo/SP. Editora 34. 1992

GUIMARÃES, Leandro. **Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos “verdes”**. In.: Anais do 4º SBECE, ULBRA, Canoas, 2011. P. 1-14

GUIVANT, Julia S. **A teoria da sociedade de risco de Ulrich Beck: entre o diagnóstico e a profecia**. Estudos Sociedade e Agricultura, 16, abril 2001: 95-112. Disponível no site <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dezesseis/julia16.htm>. Acessado em outubro de 2014

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque; VEIGA-NETO, Alfredo; FILHO, Alípio de Souza (orgs). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte. Autentica Editora. 2011

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002. Disponível no site http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf Acessado em abril de 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. Cortez Editora. 2006

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, 2009

MARTINEZ, Vinício. **Educação após Auschwitz: um combate à “consciência maquínica”**. Disponível no site <http://www.gobiernoelectronico.org/node/5909>. Acessado em 12 de novembro de 2012.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A Árvore do conhecimento – As bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athenas, 2001

MILARÉ, Edis. **Direito do Ambiente: a gestão ambiental em foco: doutrina jurisprudência, glossário**, 10ª edição, São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2013

NOBLES, Antonio Valdeci. **Direito Ambiental e Educação Ambiental: Aproximação necessária porém embrionária**. Disponível no site: www.mp.rr.gov.br/app/webroot/Intranet/pageDirectory/artigos/Nobles.pdf. Acessado em 10 de outubro de 2012.

OLIVEIRA, Flávia de Paiva Medeiros de; GUIMARÃES, Flávio Romero. **Direito, meio ambiente e cidadania: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Madras, 2004.

OST, François. **A natureza à margem da lei: a ecologia à prova do Direito**. Tradução de Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

PINHEIRO, P., BARRENECHEA, M., FEITOSA, C. **Nietzsche e os gregos. Arte, memória e educação. Assim falou Nietzsche V**. Editora DP&A. 2006.

PINTO, Rose Mary de Souza. **Do sonho real a real conquista: a educação ambiental ecosófica e as concepções de educação ambiental dos alunos**. Dissertação de mestrado. Disponível no site www.unievangelica.edu.br. Acessado em 10 de outubro de 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Editora Civilização Brasileira. 2ª edição. Rio de Janeiro. 2011.

RATTO, Cleber Gibbon e HENNING, Paula Corrêa. **Grandes urgências Educacionais no mundo contemporâneo: por uma ética do cuidado planetário ante a política do medo**. Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED. Porto de Galinhas, 2012.

REIGOTA, Marcos. **A EA frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza**. In.: Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 36, n. 2, maio/ago, 2010. P. 539-553.

ROLNIK, Suely. **Pensamento, Corpo e Devir – Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. (texto de palestra proferida no concurso para professor titular da PUC/SP realizado em 23/6/93, publicada no Cadernos de Subjetividade, v.1 n 2:241-251 set/fev 1993) Disponível no site <http://xa.yimg.com/kq/groups/21905116/866244806/name/pensamentocorpodevir.pdf> Acessado em maio de 2013.

SAHTOURIS, Elisabet. **Gaia: do Caos ao Cosmos**. São Paulo, SP. Editora Interação. 1991

SCOTTO, Gabriela; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GUIMARÃES, BELINASSO Leandro. **Desenvolvimento sustentável**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEABRA, Giovanni (organizador). **Educação Ambiental: conceitos e aplicações**. João Pessoa: editora da UFBP. 2013

SILVA, Ana Tereza Reis. **Educação Ambiental na Sociedade de Risco** - UFPR. Disponível em www.anppas.org.br. Acessado em 28 de outubro de 2012.

SOPEÑA, Marla. **Transversalidades e diferenciações nos fóruns de discussão em ead: Sensações coloríficas de um coletivo de enunciação**. Dissertação de Mestrado, IFSul, Pelotas, 2013.

TERRA, Cristiane Lima, SCHMIDT, Elisabeth Brandão. **As três ecologias como prática na sala de aula: contribuições para a construção da identidade do sujeito surdo**. Disponível no site: <http://repositorio.furg.br>: Acessado em 10 de outubro de 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e a Educação. 3 ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2011

VIEIRA, Virginia Tavares e HENNING, Paula Corrêa. **A Crise Ambiental em evidência: análise do discurso foucaultiano – modos de fazer pesquisa em educação**. Revista FAEEBA. 2013.

VILLELA, Marcos. **O desafio da tolerância na cidade contemporânea**. 2002 texto disponibilizado pela Prof. Dra Roselaine Albernaz, no seminário Práticas de Si e outras Artes no 1º semestre de 2013.

WARAT, Luis Albert. **É difícil dizer adeus: do anti-édipo à ecosofia**. Disponível no site www.journal.ufsc.br/index.php/sequencia/article/viewFile/15995/14540 Acessado em outubro de 2012

WORTMANN, Mari Lúcia C **A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas**. In.: CALLONI, H. e SILVA, P.R.G.C. (org). Contribuições à Educação Ambiental. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010. p. 13-37.

WOOLGER, Jennifer Barker. **A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas**. São Paulo, Editora Cultrix. 2007

